



**OBSERVATÓRIO
DAS METRÓPOLES**

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

TEXTO PARA DISCUSSÃO 006

TRANSFORMAÇÕES RECENTES DA ESTRUTURA SOCIAL DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS - RELATÓRIO RMC

Marley Vanice Deschamps

Pesquisadora INCT Observatório das Metrópoles
Núcleo Curitiba

Paulo Roberto Delgado

Pesquisador INCT Observatório das Metrópoles
Núcleo Curitiba

Rio de Janeiro
2019

Sobre o Observatório das Metrôpoles

Rede de pesquisa vinculada ao Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Composta por dezesseis núcleos regionais, desde 1998 trabalha de forma sistemática e articulada sobre os desafios metropolitanos colocados ao desenvolvimento nacional.

Visite nosso website:

www.observatoriodasmetropoles.net.br/

INCT OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES

Coordenação

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro

Comitê Gestor

Adauto Lúcio Cardoso

Inaia Maria Moreira de Carvalho

Jupira Gomes de Mendonça

Lívia Izabel Bezerra de Miranda

Luciana Correa do Lago

Luciano Joel Fedozzi

Luis Renato Bezerra Pequeno

Marcelo Gomes Ribeiro

Maria do Livramento M. Clementino

Orlando Alves dos Santos Junior

COMITÊ EDITORIAL

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro

Tuanni Rachel Borba

Massami Saito

A série Texto para Discussão tem como objetivo divulgar resultados parciais de pesquisas desenvolvidas no Observatório das Metrôpoles, os quais, por sua relevância, levam informações para outros pesquisadores e estabelecem um espaço para debate e reflexão. A divulgação por meio da série não constitui publicação, portanto, não impede a edição em outros locais já que o Copyright permanece com os autores.

É permitida a reprodução parcial deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções do texto completo ou para fins comerciais são expressamente proibidas.

Transformações recentes da Estrutura Social das Metrôpoles Brasileiras - Relatório RMC

Marley Vanice Deschamps¹
Paulo Roberto Delgado²

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do projeto é verificar quais possíveis mudanças estão ocorrendo na estrutura de classes das Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras num contexto em que um ciclo de desenvolvimento que se pretende liberal veio a substituir o ciclo neodesenvolvimentista na economia brasileira. Neste sentido, será realizada, neste relatório, análise da estrutura social da Região Metropolitana de Curitiba - RMC, por meio da leitura das categorias sócio-ocupacionais num período recente, compreendendo os anos de 2012 até 2017, incorporando às análises anteriores comportamento recente da estrutura de classes da RMC.

A definição das categorias sócio-ocupacionais baseia-se fundamentalmente num esquema classificatório que procura enquadrar os indivíduos a partir de sua inserção ocupacional, no caso valendo-se das categorias ocupacionais utilizadas pelo IBGE em suas pesquisas domiciliares. Como a análise das mudanças na estrutura social das RMs tem por base a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) Continua cuja série histórica é ainda relativamente pequena (2012/2017) é muito provável que não seja possível apreender grandes mudanças na estrutura social dessas regiões. Mas é inquestionável que o mercado de trabalho foi fortemente impactado nesta conjuntura recente devido à crise econômica que se instaurou a partir de 2015 e pela inflexão no padrão de desenvolvimento instaurada pelas novas configurações de força política e social que passaram a deter o controle das decisões de política econômica no país.

O presente relatório se divide em três partes: num primeiro momento será analisado o desempenho recente do mercado de trabalho na RMC, buscando aí elementos para compreender as mudanças ocorridas na estrutura sócio-ocupacional metropolitana; em seguida será feita análise da evolução da estrutura social da metrópole a partir da leitura da composição da estrutura sócio-ocupacional no período 2012 a 2017 segundo os Grupos Sócio-ocupacionais; e por último será realizada uma análise descritiva de atributos dos ocupados em cada Grupo/Categoria sócio-ocupacional, como sexo, idade, raça, escolaridade, horas trabalhadas, posição na ocupação, proteção social e rendimento.

¹ Marley Vanice Deschamps - Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do INCT Observatório das Metrôpoles. E-mail: mydeschamps@hotmail.com

² Paulo Roberto Delgado - Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador do INCT Observatório das Metrôpoles. E-mail: pr.delgado63@gmail.com

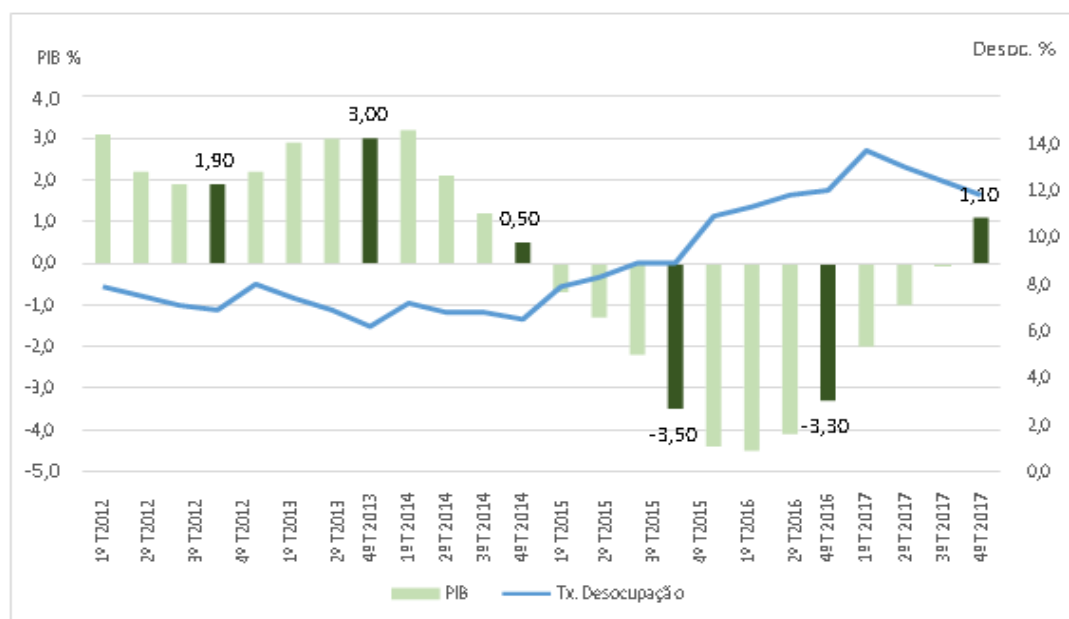
2. DESEMPENHO DO MERCADO DE TRABALHO NO PERÍODO 2012/2017

Um olhar inicial sobre a dinâmica do mercado de trabalho no período pode auxiliar na apreensão de possíveis mudanças que estejam ocorrendo na estrutura social da RMC, por meio da identificação das atividades e ocupações que foram mais impactadas pela recente crise econômica no país.

No período em foco – 2012/2017 – houve uma forte inflexão no nível de atividade econômica que levou o país a passar por uma das mais acentuadas crises econômicas de sua história. Segundo dados das Contas Nacionais Trimestrais, do IBGE, desde o primeiro trimestre de 2015 até o terceiro de 2017, as taxas acumuladas em quatro trimestres do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro foram todas negativas; os anos de 2015 e 2016 se encerraram com quedas no nível de atividade de 3,5% e 3,3%, respectivamente (Gráfico 1).

Neste sentido, apesar da atividade econômica apresentar tendência de redução desde o segundo trimestre de 2014, a recessão econômica, enquanto queda do nível de atividade, manifestou-se de modo mais acentuado no subperíodo 2015/2017³. Foi neste subperíodo que ocorreu a reversão da dinâmica ocupacional no país, com crescente deterioração do mercado de trabalho – queda na ocupação, aumento do desemprego e da informalidade e queda dos rendimentos do trabalho.

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto* e Taxa de Desocupação Trimestral – BRASIL – 2012/2017.



Nota: (*) Taxa acumulada em quatro trimestres.

Fonte: IBGE: Contas Nacionais Trimestrais.

³ Para a economia paranaense, as taxas anuais do PIB no período 2012/2017 foram: 2012: 0,0%; 2013: 5,5%; 2014: -1,5%; 2015: -3,4%; 2016: 2,6%; 2017: 2,6%; esta última em estimativa preliminar (IBGE/IPARDES: Contas Regionais do Brasil). Conforme destacado por Castro (2015), em 2014 a economia paranaense foi afetada pela desaceleração observada na economia nacional, mas o resultado paranaense neste ano foi acentuado pela forte estiagem que afetou a produção de soja no Estado, a par da queda dos preços internacionais das commodities, resultando em decréscimo do PIB estadual. Por outro lado, o nível de emprego ainda se mantinha puxado pelo desempenho do comércio e serviços.

Os dados da PNAD Continua referentes à Região Metropolitana de Curitiba evidenciam uma dinâmica similar à observada nacionalmente. A taxa de participação⁴ das pessoas no mercado de trabalho que durante o período de expansão econômica vinha apresentando ligeiro decréscimo estabilizou-se em 64,6% a partir de 2015 (Tabela 1). Mas são os indicadores de ocupação que revelam a inflexão ocorrida no mercado de trabalho. A taxa de desocupação que apresentava uma trajetória de redução, mais que dobrou entre 2014 e 2017, ano em que o desemprego atingiu 10,8% da população economicamente ativa. O contingente de desempregados na RMC, que envolvia cerca de 68 mil pessoas em 2014, passou a mais de 200 mil pessoas em 2017, um incremento relativo de quase 200% entre estes dois anos.

Outra expressão desta inflexão no mercado de trabalho regional foi a queda no nível de ocupação da população em idade ativa. Entre 2012 e 2017, a proporção de pessoas que de fato conseguiu uma ocupação reduziu-se em mais de cinco pontos percentuais, caindo para 57,6% de toda população da região com 14 e mais anos de idade, sendo que a partir de 2015 houve redução no estoque de pessoas ocupadas na RMC.

Tabela 1 – Indicadores de mercado de trabalho – Região Metropolitana de Curitiba – 2012/2017.

INDICADOR	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Taxa de participação (%)	66,5	66,4	65,1	64,6	64,6	64,6
Taxa de desocupação (%)	5,3	4,4	3,8	5,5	9,0	10,8
Nível de ocupação (%)	62,9	63,5	62,6	61,0	58,8	57,6
Pessoas fora da força de trabalho	893.873	915.346	972.512	1.002.393	1.018.427	1.028.369
Pessoas ocupadas	1.677.772	1.733.412	1.743.024	1.728.430	1.692.949	1.673.126
Pessoas desocupadas	94.749	79.472	68.067	100.893	168.081	203.092

Fonte: IBGE: PNAD Contínua – bases trimestrais.

Dada a inflexão na dinâmica ocupacional observada acima, destacar-se-á na sequência as mudanças ocorridas na composição ocupacional, comparando-se o estoque de ocupados em 2014, quando este atingiu seu maior valor, com o de 2017, quando o efeito da crise se mostrava em maior intensidade. Neste período, houve uma redução de quase 70 mil pessoas na população ocupada da RMC, sendo que o maior impacto foi sobre os assalariados do setor privado, cuja redução atingiu cerca de 136 mil trabalhadores. Essa queda foi compensada em parte pelo forte incremento dos trabalhadores por conta-própria, cujo contingente aumentou em 18,7% no referido período, indicativo de aumento da informalidade no mercado de trabalho da região.

⁴ A taxa de participação expressa a proporção de pessoas incorporadas ao mercado de trabalho, nas condições de ocupada ou desocupada, relativamente ao total de pessoas em idade ativa, que no caso da PNAD Contínua corresponde à população com 14 anos de idade ou mais. As pessoas ocupadas e desocupadas compõem o contingente economicamente ativo. Momentos de expansão econômica, com melhoria nos rendimentos do trabalho, permitem que alguns membros das famílias possam sair do mercado de trabalho para dar continuidade aos estudos ou porque já não há necessidade de complementação da renda familiar, a qual em muitos casos é obtida por meio de ocupações precárias.

Como consequência destas mudanças, o peso dos empregados do setor privado que chegou a 60,2% do total dos ocupados em 2014, caiu para 54,5% em 2017; por outro lado, a participação dos Conta-Própria aumentou de 19,2% para 23,7%, entre os mesmos anos. (Tabela 2)

Tabela 2 – Número de Pessoas Ocupadas segundo posição na Região Metropolitana de Curitiba – 2012/2017.

POSIÇÃO	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Empregado no setor privado	967.396	1.020.094	1.048.657	978.261	941.716	912.273
Trabalhador doméstico	92.365	91.574	98.183	104.668	95.542	93.209
Empregado no setor público (inclusive servidor estatutário e militar)	173.389	167.754	167.974	173.457	196.673	183.398
Empregador	66.897	77.438	78.503	87.679	74.927	80.846
Conta-própria	357.357	360.291	333.831	367.703	373.701	396.271
Trabalhador familiar auxiliar	20.368	16.261	15.877	16.662	10.390	7.128
Total de ocupados	1.677.772	1.733.412	1.743.024	1.728.430	1.692.949	1.673.126
Empregado no setor privado	57,7	58,8	60,2	56,6	55,6	54,5
Trabalhador doméstico	5,5	5,3	5,6	6,1	5,6	5,6
Empregado no setor público (inclusive servidor estatutário e militar)	10,3	9,7	9,6	10,0	11,6	11,0
Empregador	4,0	4,5	4,5	5,1	4,4	4,8
Conta-própria	21,3	20,8	19,2	21,3	22,1	23,7
Trabalhador familiar auxiliar	1,2	0,9	0,9	1,0	0,6	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE: PNAD Contínua – bases trimestrais.

Setorialmente, a queda do número de ocupados se concentrou na indústria e no comércio, cada uma destas atividades perdendo mais de 30 mil postos de trabalho entre 2014 e 2017, destacando-se também um conjunto de atividades do setor de serviços (informação, comunicação e outras) que se caracteriza por sua natureza de apoio a outras atividades produtivas, categoria reduzida em 22,7 mil pessoas (Tabela 3). Alguns setores compensaram em parte este desempenho negativo, particularmente os serviços de natureza social (educação, saúde e assistência social) cujo contingente foi ampliado em 22 mil pessoas, atividades que tendem a reunir pessoas com maior qualificação, geralmente em postos formais de trabalho ou na condição de profissionais liberais. Ainda no setor de serviços, destacam-se os aumentos verificados nas atividades Transporte e Armazenagem e Outros Serviços, estes reunindo um conjunto de atividades de Serviços Pessoais e Coletivos; estas atividades favorecem a organização do trabalho por conta-própria, embora incluam também outras formas de relações de trabalho.

Quando se observa a distribuição relativa das ocupações pelos agrupamentos de atividades percebe-se que algumas mudanças foram apenas acentuadas pela crise recente, caso da perda de participação do emprego na Indústria que já vinha ocorrendo

desde o início da década e que, no país, reflete um processo de desindustrialização que vem se verificando desde o final do século 20. Por outro lado, as quedas na participação do Comércio e da Construção Civil se deram fundamentalmente após a crise, afetadas pelas reduções nos níveis de consumo e de investimento que marcaram a economia nacional neste período.

Tabela 3 – Número de Pessoas Ocupadas segundo agrupamentos de atividade na Região Metropolitana de Curitiba – 2012/2017.

ATIVIDADE	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	35.436	39.507	39.434	38.609	37.506	30.371
Indústria geral	298.728	295.845	289.552	267.658	259.303	256.746
Construção	147.623	155.258	143.840	145.161	136.251	131.403
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	331.585	338.581	356.391	351.855	323.690	318.376
Transporte, armazenagem e correio	95.401	97.381	101.437	109.481	116.733	108.801
Alojamento e alimentação	81.370	81.957	78.778	71.547	81.199	89.602
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	274.475	283.747	292.133	282.575	253.705	269.430
Administração pública, defesa e seguridade social	79.156	77.867	87.893	80.786	86.804	81.090
Educação, saúde humana e serviços sociais	170.608	195.452	186.565	191.961	213.508	208.613
Outros Serviços	70.926	75.849	68.659	82.981	85.747	84.561
Serviços domésticos	92.365	91.574	98.183	105.816	98.411	93.998
Atividades mal definidas	98	393	158	0	91	134
Total	1.677.772	1.733.412	1.743.024	1.728.430	1.692.949	1.673.126
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	2,11	2,28	2,26	2,23	2,22	1,82
Indústria geral	17,81	17,07	16,61	15,49	15,32	15,35
Construção	8,80	8,96	8,25	8,40	8,05	7,85
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	19,76	19,53	20,45	20,36	19,12	19,03
Transporte, armazenagem e correio	5,69	5,62	5,82	6,33	6,90	6,50
Alojamento e alimentação	4,85	4,73	4,52	4,14	4,80	5,36
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	16,36	16,37	16,76	16,35	14,99	16,10
Administração pública, defesa e seguridade social	4,72	4,49	5,04	4,67	5,13	4,85
Educação, saúde humana e serviços sociais	10,17	11,28	10,70	11,11	12,61	12,47
Outros Serviços	4,23	4,38	3,94	4,80	5,06	5,05
Serviços domésticos	5,51	5,28	5,63	6,12	5,81	5,62
Atividades mal definidas	0,01	0,02	0,01	0,00	0,01	0,01
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE: PNAD Contínua – bases trimestrais.

Por outro lado, há um aumento consistente na participação das várias atividades do setor de serviços, particularmente dos serviços de natureza social (educação, saúde e assistência), cujo peso no conjunto das ocupações passa de 10,17%, em 2012, para 12,47%, em 2017. No setor de serviços a única queda de participação, no pós-crise, se

deu entre aquelas atividades de apoio ao setor produtivo (informação, comunicação e demais), porém sinalizando para uma recuperação no ano de 2017 (16,10%), comparativamente ao ano anterior (14,99%).

Focando no tipo de ocupação que as pessoas exercem, percebe-se que no período pós-crise apenas os grupos ‘Diretores e gerentes’ e ‘Profissionais das ciências e intelectuais’ tiveram desempenho positivo, registrando, em conjunto, incremento de quase 20 mil ocupados entre 2014 e 2017 (Tabela 4).

Tabela 4 – Número de Pessoas Ocupadas segundo grupos ocupacionais na Região Metropolitana de Curitiba – 2012/2017.

GRUPO OCUPACIONAL	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Diretores e gerentes	119.605	134.988	121.656	113.638	136.942	123.855
Profissionais das ciências e intelectuais	206.591	215.328	217.075	235.814	231.648	234.472
Técnicos e profissionais de nível médio	186.250	190.235	184.765	206.516	180.173	183.625
Trabalhadores de apoio administrativo	157.262	170.115	186.746	175.423	155.949	148.160
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	313.830	337.660	352.646	352.986	348.110	349.142
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	28.341	31.203	32.856	31.743	33.920	33.530
Trabalhadores qualificados, operários e artesões da construção, artes mecânicas e outros ofícios	246.080	252.048	264.622	255.291	255.879	248.729
Operadores de instalações e máquinas e montadores	165.271	163.329	138.001	126.802	134.600	134.243
Ocupações elementares	239.888	228.772	227.855	215.561	200.359	207.181
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	6.512	8.913	9.926	14.572	15.323	10.188
Ocupações mal definidas	8.143	820	6.878	83	47	0
Total	1.677.772	1.733.412	1.743.024	1.728.430	1.692.949	1.673.126
Diretores e gerentes	7,13	7,79	6,98	6,57	8,09	7,40
Profissionais das ciências e intelectuais	12,31	12,42	12,45	13,64	13,68	14,01
Técnicos e profissionais de nível médio	11,10	10,97	10,60	11,95	10,64	10,97
Trabalhadores de apoio administrativo	9,37	9,81	10,71	10,15	9,21	8,86
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados	18,71	19,48	20,23	20,42	20,56	20,87
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	1,69	1,80	1,88	1,84	2,00	2,00
Trabalhadores qualificados, operários e artesões da construção, artes mecânicas e outros ofícios	14,67	14,54	15,18	14,77	15,11	14,87
Operadores de instalações e máquinas e montadores	9,85	9,42	7,92	7,34	7,95	8,02
Ocupações elementares	14,30	13,20	13,07	12,47	11,83	12,38
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	0,39	0,51	0,57	0,84	0,91	0,61
Ocupações mal definidas	0,49	0,05	0,39	0,00	0,00	0,00
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE: PNAD Contínua – bases trimestrais.

Três grupos ocupacionais – Trabalhadores de apoio administrativo; Ocupações elementares; Trabalhadores qualificados, Operários e Artesões da construção, Artes mecânicas e outros ofícios – tiveram forte redução em seus contingentes, perdendo

aproximadamente 75 mil pessoas no período 2014/2017; em termos relativos, a redução mais intensa foi na categoria Trabalhadores de apoio administrativo⁵ (-20,7%).

Em termos da distribuição ocupacional, dois grupos se destacam por terem sua participação ampliada de modo contínuo durante o período 2012/2017: os ‘Trabalhadores dos serviços, Vendedores dos comércios e mercados’ e os ‘Profissionais das ciências e intelectuais’. O primeiro deles é o mais expressivo na estrutura ocupacional da RMC, representando 20,87% do total dos ocupados em 2017⁶. O segundo grupo se caracteriza por reunir um conjunto de ocupações que requerem credencial de ensino superior⁷ para o seu exercício e passou a ocupar, no período, a terceira posição em termos de postos de trabalho (14,01% do total, em 2017).

Por outro lado, os grupos ‘Ocupações elementares’ e ‘Operadores de instalações e máquinas e montadores’ tiveram as maiores reduções relativas no período, quase dois pontos percentuais a menos. O grupo Ocupações elementares envolve atividades com menor requerimento em termos de qualificação profissional, em atividades do setor de Serviços, Indústria e Agropecuária. Já o segundo grupo ocupacional envolve fundamentalmente Ocupações industriais, com seu desempenho associado a dinâmica econômica da indústria.

Apesar da pequena participação, observou-se pequeno incremento do grupo ocupacional de Trabalhadores qualificados da agropecuária, contrariamente ao registrado para a atividade agropecuária, que apresentou redução do número de trabalhadores a partir de 2014 (ver Tabela 4). Esta discrepância decorre ao fato de parcela destes Trabalhadores qualificados da agropecuária trabalhar em atividades de paisagismo, as quais tiveram aumento do número de ocupados no período em foco, classificadas no agrupamento de atividades ‘Informação, comunicação e Atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas’.

Destas mudanças ocorridas no mercado de trabalho da RMC é possível verificar alguns movimentos que provavelmente afetaram a configuração da estrutura social regional. Apesar da forte inflexão ocorrida a partir de 2015 devido à crise econômica, percebe-se que a tendência de redução do emprego industrial na RMC já vinha ocorrendo desde o início da década, refletindo um processo mais estrutural de desindustrialização que vem marcando o país.

Por outro lado, o Comércio, a Construção civil e alguns serviços de apoio a atividade produtiva, que vinham de uma trajetória ascendente antes da crise, sofreram forte redução de postos de trabalho no período. Os dois primeiros setores se caracterizam por envolver grandes contingentes de trabalhadores que se inserem nos segmentos populares da região, enquanto nos Serviços de apoio produtivo há um

⁵ Envolvem escriturários, pessoas que atendem ao público e as que trabalham com registros numéricos e registro de material. Dentre outras, as ocupações de secretários, caixas, recepcionistas, telefonistas, auxiliares contábeis e financeiros, registro de materiais e transporte.

⁶ Reúne um conjunto heterogêneo de ocupações do comércio e serviços, como cozinheiro, garçom, cabeleireiros, cuidadores, vendedores, cobradores, trabalhadores de serviços de proteção e segurança.

⁷ Nem todas as ocupações deste grupo requerem esta credencial, mas todas que exigem estão inseridas nele. Além disso, em algumas ocupações que atualmente requerem o diploma de nível superior é possível encontrar pessoas que iniciaram sua carreira antes desta exigência, portanto sem o referido diploma.

conjunto de atividades que envolvem trabalhadores com maior qualificação, inclusive com credencial de nível superior.

Apenas os Serviços de natureza social (educação, saúde e assistência) apresentaram importante incremento no número de ocupados e ampliaram sua participação na estrutura ocupacional. Este é outro setor que envolve um número expressivo de profissionais de nível superior, quer na condição de assalariados formalizados, quer na condição de Profissionais liberais.

Por sua vez, ao focar a evolução da ocupação segundo o tipo de ocupação constata-se alguns movimentos que implicam certa estabilidade no padrão de estruturação social da RMC. Se por um lado houve incremento consistente dos Profissionais de Nível Superior, por outro o forte impacto da crise econômica sobre as ocupações elementares não permitiu que se configurasse uma situação de maior polarização da estrutura social.

Ao mesmo tempo, nas camadas intermediárias verificam-se alguns movimentos de compensação. Se a forte queda dos Trabalhadores de apoio administrativo sinaliza para uma redução das camadas médias, este movimento em parte foi compensado pelo crescimento dos Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados; esta categoria corresponde ao maior grupo ocupacional na RMC e teve uma trajetória consistente de crescimento no período 2012/2017, sendo que parcela dos trabalhadores deste grupo é do setor de serviços sociais, particularmente da saúde, que, como notado anteriormente, foi o setor com maior incremento no número de ocupados.

3. ANÁLISE DAS CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS NO PERÍODO RECENTE

Considerando o período 2012/2017, verifica-se que a população total da Região Metropolitana de Curitiba apresentou crescimento de ordem de 1,046% a.a., já a população ocupada apresentou decréscimo da ordem de -0,314% a.a., em conformidade com a elevação da taxa de desemprego no período. Já o segmento dos não ocupados cresceu à taxa de 2,390% a.a.. A RMC apresentou as maiores taxas, tanto positivas como negativas, na comparação com as do Estado, ou seja, há maior crescimento da população total, maior crescimento da população não ocupada e um decréscimo maior da população ocupada. Essa situação refletiu sobre a taxa de desocupação, a qual se apresentou sempre acima da taxa estadual, à exceção de 2014 e 2015. A taxa de desocupação na RMC dobrou no período, passando de 5,4% em 2012 para 10,9% em 2017, enquanto que para o Paraná a taxa de desocupação, mesmo com quadro evolutivo preocupante, esteve abaixo do incremento metropolitano, passando de 5,0% em 2012 para 9,0% em 2017. (Tabelas 5 e 6)

Tabela 5 – População segundo a situação de ocupação e taxa geométrica de crescimento, 2012 a 2017 – Paraná e RMC.

ANO	POPULAÇÃO					
	Paraná			RMC		
	Ocupada	Não Ocupada	Total	Ocupada	Não Ocupada	Total
2012	5.471.395	5.428.835	10.900.230	1.705.146	1.635.757	3.340.903
2013	5.545.476	5.442.283	10.987.759	1.742.961	1.635.966	3.378.927
2014	5.536.914	5.535.723	11.072.637	1.739.457	1.676.348	3.415.805
2015	5.518.889	5.635.943	11.154.832	1.731.628	1.719.856	3.451.484
2016	5.473.717	5.760.580	11.234.297	1.697.730	1.788.281	3.486.011
2017	5.470.169	5.840.827	11.310.996	1.678.543	1.840.779	3.519.322
Taxa Cres. (%a.a.)	-0,004	1,474	0,743	-0,314	2,390	1,046

Fonte: PNAD Contínua, IBGE - 2012 a 2017

Tabela 6 – Taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência, 2012 a 2017 – Paraná e RMC.

ANO	TAXA DE DESOCUPAÇÃO ¹ (%)	
	Paraná	RMC
2012	5,0	5,4
2013	4,3	4,4
2014	4,0	3,8
2015	5,9	5,5
2016	8,2	9,1
2017	9,0	10,9

NOTA (1): Média anual calculada com base na taxa trimestral.

Fonte: PNAD Contínua, IBGE - 2012 a 2017

3.1. Evolução dos Grupos de Categorias Sócio-ocupacionais

A situação sócio-ocupacional, que representa a estrutura social da RMC, apresentada na tabela 7 e no gráfico 2 a seguir, revela que em torno de 42% da população ocupada se encontra em dois grupos, o dos Trabalhadores do Secundário (22,91%) e das Ocupações Médias (20,59%). Na seqüência, com maior participação na estrutura sócio-ocupacional estão os Trabalhadores do Terciário Especializado com 17,41%, seguido de outros dois grupos cujas participações são muito próximas, os Profissionais de nível Superior (13,65%) e os Trabalhadores do Terciário Não especializado (13,61%). Outros três Grupos de ocupados com as menores participações são os Grandes Empregadores (5,26%), os Pequenos Empregadores (3,88%) e por último os Trabalhadores agrícolas (2,70%). No período, os grupos de categorias sócio-ocupacionais que apresentaram incremento percentual na estrutura social foram os Profissionais de Nível Superior, que apresentaram maior variação positiva, seguido dos

Pequenos Empregadores, dos Trabalhadores Agrícolas e, dos Trabalhadores do Terciário Especializado. No outro sentido, as Ocupações Médias apresentaram as maiores variações negativas, seguido dos grupos de Trabalhadores do Terciário não especializado, Grandes Empreendedores e dos Trabalhadores do Secundário.

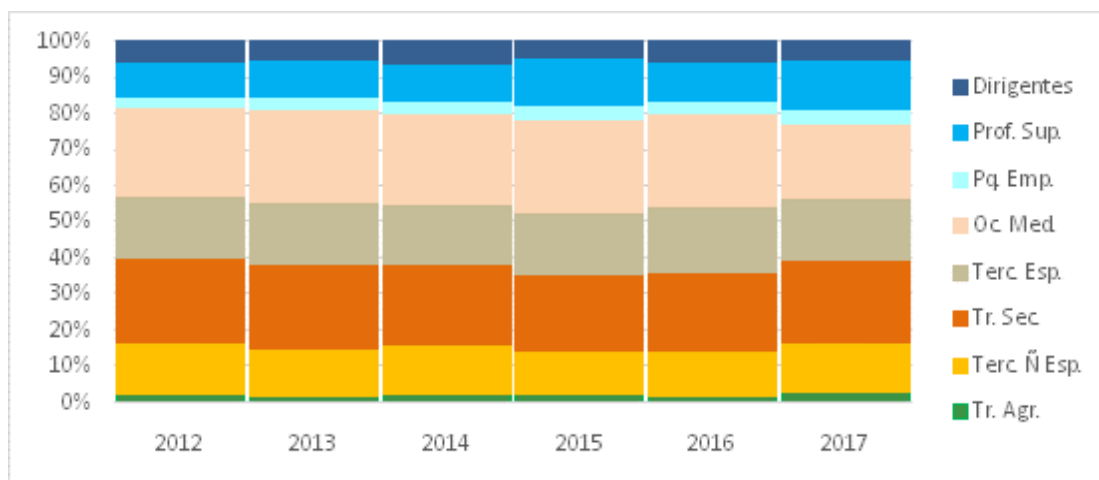
Tabela 7 – Situação sócio-ocupacional da Região Metropolitana de Curitiba segundo categorias ocupacionais– 2012/2017.

GRUPOS DE CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Grandes empregadores	97.990	90.071	107.928	79.458	97.058	88.316
Profissionais de nível superior	168.245	179.671	180.013	228.886	184.017	229.055
Pequenos empregadores	49.097	62.784	62.329	69.010	62.461	65.059
Ocupações médias	417.897	448.287	437.780	439.173	434.347	345.532
Trab. do terciário especializ.	294.229	295.742	288.495	298.010	307.820	292.194
Trabalhadores do secundário	397.041	410.786	381.659	369.793	370.059	384.617
Trab. do terciário não-especializ.	244.780	221.956	243.848	205.223	209.088	228.499
Trabalhadores agrícolas	35.867	33.663	37.406	42.074	32.880	45.271
Total	1.705.14	1.742.96	1.739.45	1.731.62	1.697.73	1.678.54
	6	1	7	8	0	3
PERCENTUAL NO TOTAL (%)						
Grandes empregadores	5,75	5,17	6,20	4,59	5,72	5,26
Profissionais de nível superior	9,87	10,31	10,35	13,22	10,84	13,65
Pequenos empregadores	2,88	3,60	3,58	3,99	3,68	3,88
Ocupações médias	24,51	25,72	25,17	25,36	25,58	20,59
Trab. do terciário especializ.	17,26	16,97	16,59	17,21	18,13	17,41
Trabalhadores do secundário	23,28	23,57	21,94	21,36	21,80	22,91
Trab. do terciário não-especializ.	14,36	12,73	14,02	11,85	12,32	13,61
Trabalhadores agrícolas	2,10	1,93	2,15	2,43	1,94	2,70
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: PNAD Contínua, IBGE - 2012 a 2017

Verificando a evolução da situação sócio-ocupacional nos anos recentes, entre 2012 e 2017, nota-se que as mudanças mais marcantes são a diminuição das Ocupações Médias e aumento dos Profissionais de Nível Superior. Além dessas duas categorias sociais, os Pequenos Empregadores também aparecem com mudanças significativas, apresentando aumento relativamente alto, mesmo considerando seu pequeno peso na estrutura social. Ou seja, as classes superiores tiveram incremento enquanto a classe média sofreu diminuição dentro da estrutura social metropolitana no período recente.

Gráfico 2 – Evolução dos grupos Sócio-ocupacionais na Região Metropolitana de Curitiba – 2012/2017.



Fonte: PNAD Contínua, IBGE - 2012 a 2017.

Para entender melhor a evolução dos grupos sócio-ocupacionais, observemos a evolução das categorias ocupacionais dentro de cada grupo. No primeiro Grupo, Grandes empreendedores, composto pelas categorias Grandes Empregadores, Dirigentes do Setor Público e Dirigentes do Setor Privado, observa-se que as categorias dos Dirigentes perderam participação na estrutura social ao mesmo tempo em que a categoria Grandes Empregadores elevaram sua participação, com isso, o grupo do topo da estrutura social da RMC praticamente se manteve com a mesma participação no período analisado.

O segundo grupo da parte superior da estrutura social, os Profissionais de Nível Superior, formado pelas categorias Profissionais Autônomos de Nível Superior, Profissionais Empregados de Nível Superior, Profissionais Estatutários de Nível Superior e Professores de Nível Superior, foi o que apresentou maior crescimento tanto em volume de ocupados como em participação na estrutura social. A categoria dos Profissionais Autônomos de Nível Superior se destacou das demais pelo elevado crescimento na participação, passando de 1,88% para 3,51%, no entanto, os maiores volumes de ocupados deste grupo se concentram entre os Empregados de Nível Superior e Professores de Nível Superior. Fechando a parte superior da estrutura social, verifica-se que a categoria Pequenos Empregadores ganhou participação no período. (Tabela 8)

No grupo das ocupações médias, que perdeu participação entre 2012 e 2017, formado pelas categorias Ocupações Artísticas e Similares, Ocupações de Escritório, Ocupações de Supervisão, Ocupações Técnicas, Ocupações Médias da Saúde e Educação e Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios, destaca-se com maior variação negativa as Ocupações de Escritório cuja participação na estrutura social passou de 10,14%, em 2012, para 7,82% em 2017.

Tabela 8 – Ocupados segundo categorias Sócio-ocupacionais, 2012 A 2017 – RMC

CATEGORIA SOCIOOCUPACIONAL	OCUPADOS					
	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Grandes Empregadores	14.682	16.789	17.506	13.384	18.490	19.376
Dirigentes do Setor Público	9.066	8.816	8.410	6.336	6.196	6.050
Dirigentes do Setor Privado	74.242	64.465	82.013	59.738	72.372	62.890
Profissionais Autônomos de Nível Superior	32.095	30.833	28.659	46.148	26.022	58.924
Profissionais Empregados de Nível Superior	59.282	66.468	78.103	74.147	65.354	72.648
Profissionais Estatutários de Nível Superior	20.861	28.546	28.060	33.647	23.657	30.266
Professores de Nível Superior	56.009	53.824	45.190	74.945	68.984	67.216
Pequenos Empregadores	49.097	62.784	62.329	69.010	62.461	65.059
Ocupações Artísticas e Similares	18.084	14.026	22.791	14.740	23.673	19.880
Ocupações de Escritório	172.977	200.169	181.859	188.144	185.046	131.242
Ocupações de Supervisão	51.393	48.682	46.561	38.855	34.993	36.154
Ocupações Técnicas	105.913	107.607	118.701	114.383	97.664	90.535
Ocupações Médias da Saúde e Educação	52.930	51.472	42.621	51.233	66.861	49.586
Ocup. de Segurança Púb., Justiça e Correios	16.600	26.331	25.247	31.819	26.111	18.136
Trabalhadores do Comércio	164.586	170.650	177.851	171.366	181.646	158.644
Prestadores de Serviços Especializados	129.643	125.092	110.644	126.644	126.173	133.551
Trabalhadores da Indústria Moderna	91.119	116.928	96.588	99.870	102.464	92.250
Trabalhadores da Indústria Tradicional	67.358	55.493	50.629	52.793	53.966	53.246
Operários dos Serviços Auxiliares	86.029	100.385	87.618	95.757	98.442	95.443
Operários da Construção Civil	152.534	137.980	146.823	121.373	115.187	143.678
Prestadores de Serviços Não Especializados	105.202	109.163	117.359	84.255	98.680	100.903
Trabalhadores Domésticos	103.368	94.913	102.420	100.088	88.042	98.536
Ambulantes e Biscateiros	36.210	17.881	24.068	20.880	22.366	29.060
Agricultores	35.867	33.663	37.406	42.074	32.880	45.271
Total	1.705.146	1.742.961	1.739.457	1.731.628	1.697.730	1.678.543
PARTICIPAÇÃO NOTOTAL (%)						
Grandes Empregadores	0,86	0,96	1,01	0,77	1,09	1,15
Dirigentes do Setor Público	0,53	0,51	0,48	0,37	0,36	0,36
Dirigentes do Setor Privado	4,35	3,70	4,71	3,45	4,26	3,75
Profissionais Autônomos de Nível Superior	1,88	1,77	1,65	2,67	1,53	3,51
Profissionais Empregados de Nível Sup.	3,48	3,81	4,49	4,28	3,85	4,33
Profissionais Estatutários de Nível Sup.	1,22	1,64	1,61	1,94	1,39	1,80
Professores de Nível Superior	3,28	3,09	2,60	4,33	4,06	4,00
Pequenos Empregadores	2,88	3,60	3,58	3,99	3,68	3,88
Ocupações Artísticas e Similares	1,06	0,80	1,31	0,85	1,39	1,18
Ocupações de Escritório	10,14	11,48	10,45	10,87	10,90	7,82
Ocupações de Supervisão	3,01	2,79	2,68	2,24	2,06	2,15
Ocupações Técnicas	6,21	6,17	6,82	6,61	5,75	5,39
Ocupações Médias da Saúde e Educação	3,10	2,95	2,45	2,96	3,94	2,95
Ocup. de Segurança Púb., Justiça e Correios	0,97	1,51	1,45	1,84	1,54	1,08
Trabalhadores do Comércio	9,65	9,79	10,22	9,90	10,70	9,45
Prestadores de Serviços Especializados	7,60	7,18	6,36	7,31	7,43	7,96
Trabalhadores da Indústria Moderna	5,34	6,71	5,55	5,77	6,04	5,50
Trabalhadores da Indústria Tradicional	3,95	3,18	2,91	3,05	3,18	3,17
Operários dos Serviços Auxiliares	5,05	5,76	5,04	5,53	5,80	5,69
Operários da Construção Civil	8,95	7,92	8,44	7,01	6,78	8,56
Prestadores de Serviços Não Especializados	6,17	6,26	6,75	4,87	5,81	6,01
Trabalhadores Domésticos	6,06	5,45	5,89	5,78	5,19	5,87
Ambulantes e Biscateiros	2,12	1,03	1,38	1,21	1,32	1,73
Agricultores	2,10	1,93	2,15	2,43	1,94	2,70
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: PNAD Contínua, IBGE - 2012 a 2017

Nos grupos da parte inferior da estrutura social metropolitana dois apresentaram pequeno aumento de participação, os Trabalhadores do terciário especializado e os Trabalhadores agrícolas e os outros dois, os Trabalhadores do secundário e os

Trabalhadores do terciário não-especializado, sofreram decréscimo. Os Prestadores de Serviços Especializados foram os responsáveis pelo crescimento do primeiro grupo, já que os trabalhadores do Comércio apresentaram decréscimo. Entre os dois grupos que perderam participação, as categorias dos trabalhadores da indústria moderna e os operários dos serviços auxiliares sofreram variação positiva enquanto que as demais categorias tiveram variação negativa.

Desta forma, podemos observar que no período mais recente, a estrutura de classes da Região Metropolitana de Curitiba continuou seu processo de mudanças que já vinha se conformando em períodos anteriores, ou seja, redução da participação do trabalho manual e aumento da participação do trabalho não manual. As maiores reduções foram observadas nas ocupações médias: de Escritório, de Supervisão e Técnicas; os maiores aumentos se deram entre os Profissionais de Nível Superior: Autônomos, Empregados e Professores.

A seguir será realizada análise mais detalhada da evolução desses grupos agregando algumas características que os diferencie dos demais grupos.

4. AS CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS E SUAS CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

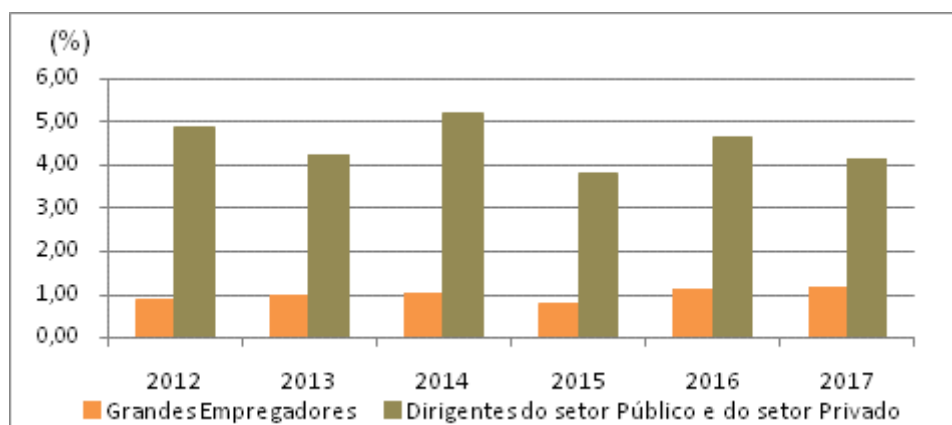
A seguir se fará análise da evolução das categorias ocupacionais dentro de cada grupo partindo das informações contidas na Tabela 8, trazendo alguns atributos dos componentes desses grupos, como sexo, idade, raça, escolaridade, horas trabalhadas, posição na ocupação, proteção social e rendimento, para diferenciá-los entendendo melhor sua organização.

4.1. Dirigentes

No Grupo dos Dirigentes, composto pelas categorias Grandes Empregadores, Dirigentes do Setor Público e Dirigentes do Setor Privado⁸, observa-se que estes últimos perderam participação na estrutura social ao mesmo tempo em que a categoria Grandes empregadores elevaram sua participação, mantendo esse grupo praticamente com a mesma participação na estrutura social da metrópole (Gráfico 3).

⁸ Para efeitos dessa análise as categorias Dirigentes do Setor Público e Dirigentes do Setor Privado serão somadas

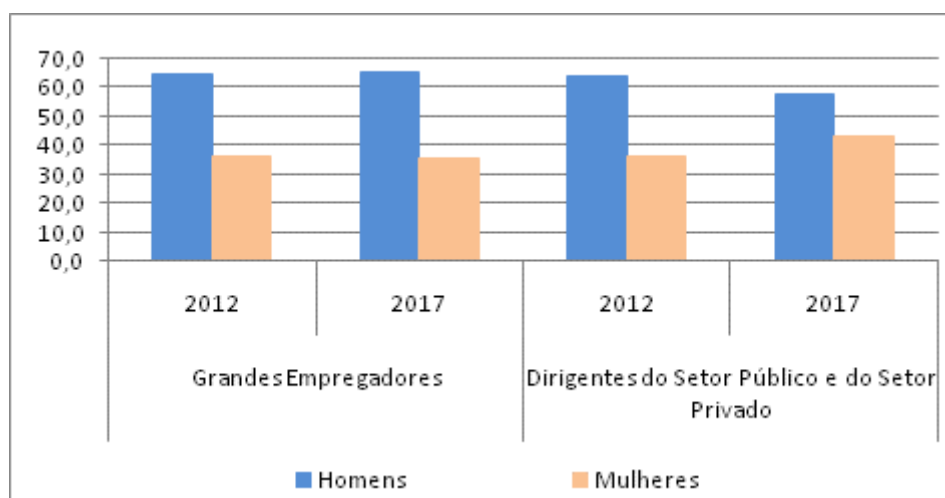
Gráfico 3 – Participação percentual de dirigentes na estrutura sócio-ocupacional segundo categorias na RMC – 2012/2017.



Fonte: PNAD Contínua, IBGE - 2012 a 2017.

Na análise das condições sociais do Grupo, verifica-se que o sexo masculino é predominante, no entanto, entre os Dirigentes Públicos e Privados há um aumento da participação das mulheres em 2017, enquanto entre os Grandes Empregadores, a participação dos sexos permanece praticamente inalterada. (Gráfico 4)

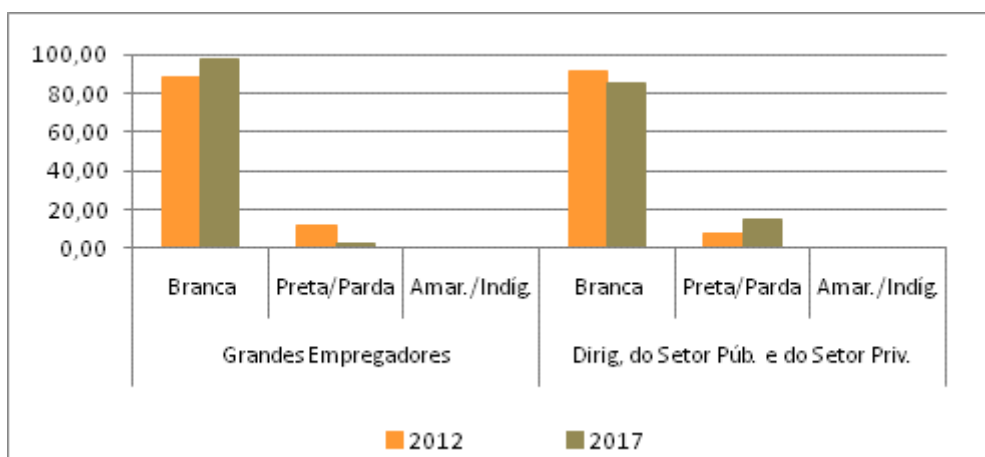
Gráfico 4 – Dirigentes segundo categorias por sexo – RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em relação a cor ou raça, há o predomínio da cor branca em ambas categorias, no entanto, no período, verifica-se um pequeno aumento de pretos e pardos entre os dirigentes do setor público e privado em contraposição à uma diminuição desse segmento entre os grandes empregadores. A presença da cor/raça amarela e indígena é insignificante. (Gráfico 5)

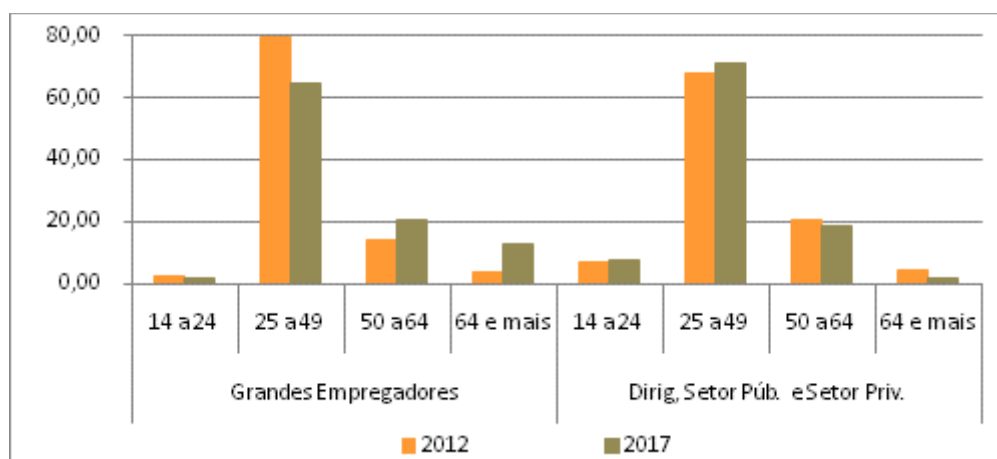
Gráfico 5 – Dirigentes segundo categorias por cor ou raça – RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Para os Grandes Empregadores se observa um decréscimo na faixa de 25 a 49 anos em função de um forte aumento de ocupados nas faixas etárias superiores, ao contrário do que se observa entre os dirigentes do setor público e privado em que há um leve aumento de ocupados na faixa etária de jovens adultos (25 a 49 anos) e uma diminuição nos grupos etários superiores a 50 anos. (Gráfico 6)

Gráfico 6 – Dirigentes segundo categorias por grupos etários – RMC, 2012/2017.

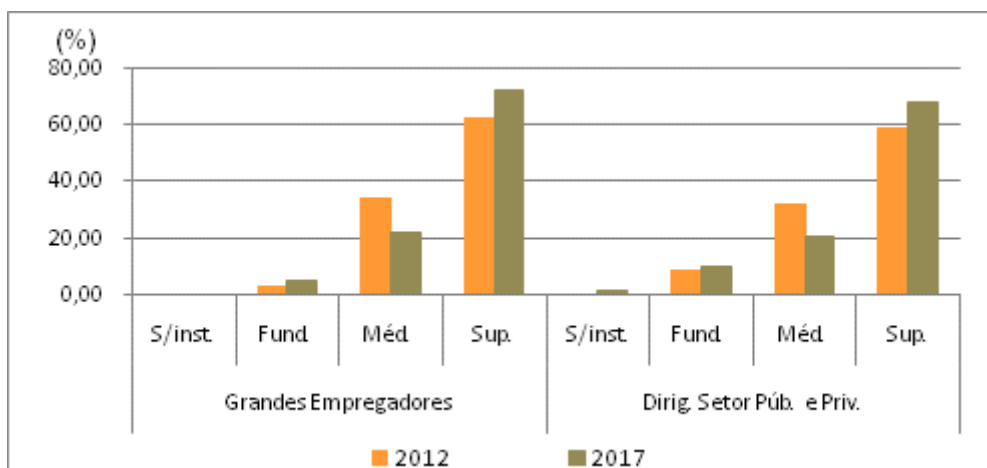


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à escolaridade, a maioria dos ocupados nesse grupo possui nível superior completo. Em 2012 eram 50,4%, aumentando para 58,3% em 2017. Separando nas duas categorias, observa-se que a participação dos ocupados com escolaridade superior entre os grandes empregadores é ligeiramente maior que entre os dirigentes do setor público e privado, no entanto em ambas as categorias há aumento da participação entre 2012 e 2017. Outra diferença observada entre as categorias é que a participação de ocupados com somente o nível fundamental entre os dirigentes do setor público e privado é quase

três vezes maior do que o observado entre os grandes empregadores. Os ocupados sem instrução ou com menos de um ano de estudo só aparece, em pequena proporção, entre os dirigentes do setor público e privado. (Gráfico 7)

Gráfico 7 – Dirigentes segundo categorias por escolaridade – RMC, 2012/2017.

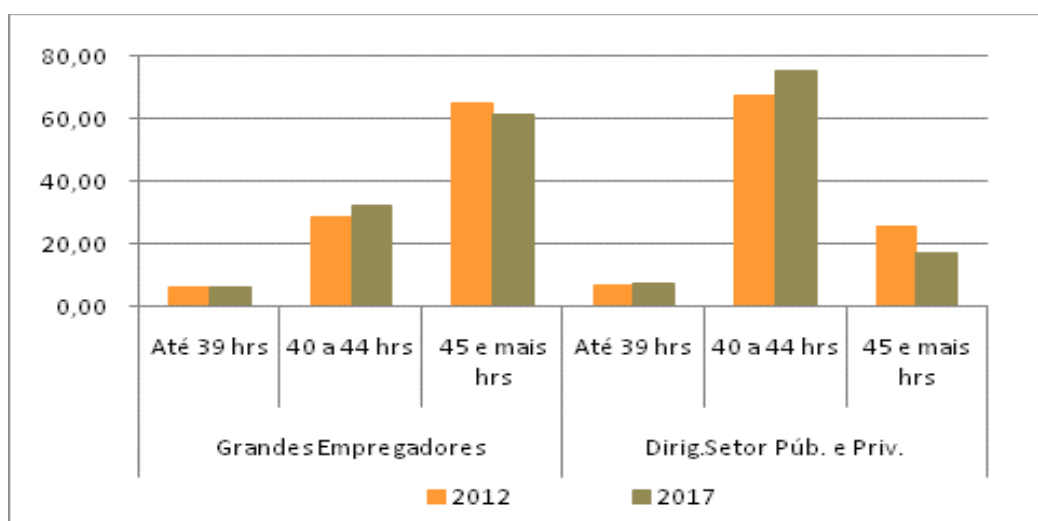


Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao número de horas trabalhadas, observa-se que entre os grandes empregadores o número médio de horas trabalhadas é superior ao observado entre os dirigentes de setor público e privado. Enquanto nestes últimos a proporção dos ocupados trabalhando entre 40 e 44 horas ultrapassou 75%, em 2017, entre os grandes empregadores foi de pouco mais que 30%. Ainda que a maior proporção entre os grandes empregadores trabalhe mais de 45 horas semanal, observou-se queda de 65% para 61% no período analisado. (Gráfico 8)

Gráfico 8 – Dirigentes segundo categorias por escolaridade – RMC, 2012/2017.



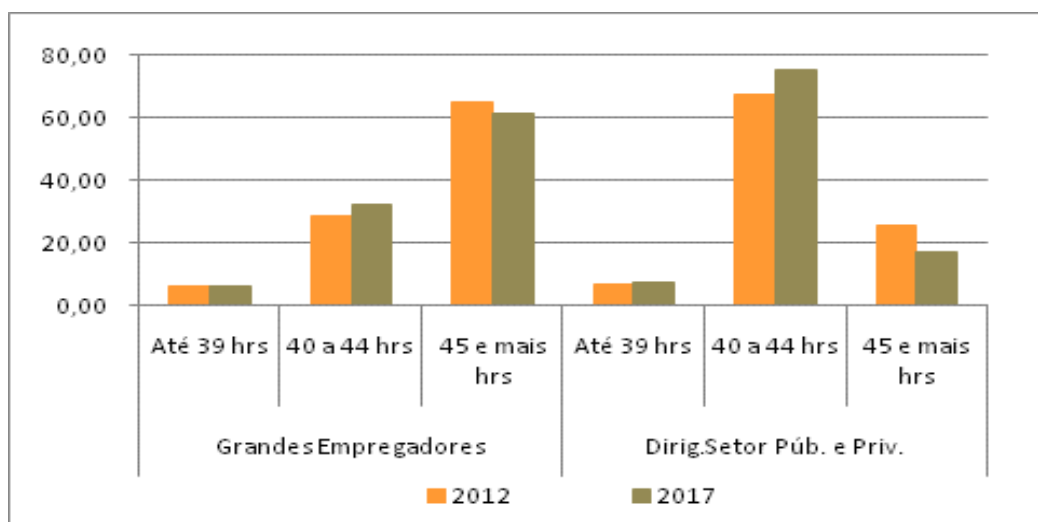
Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à posição na ocupação, os grandes empregadores, como a própria denominação da categoria sugere, são empregadores (100%). Já os dirigentes do setor público e privado se dividem, em sua maioria, entre empregados com carteira assinada e militares ou servidores estatutários (77%) e, ainda aparece 14% de trabalhadores por conta própria.

No Grupo dos Dirigentes, a grande maioria dos ocupados se encontra nas faixas de rendimento intermediárias, ou seja, acima de 1000,00 até 10.000,00, no entanto diferença significativa se observa entre as categorias que compõem esse grupo. A proporção dos grandes empregadores vai aumentando à medida que aumenta as faixas de rendimentos; em 2017 mais de 50% dos ocupados estava na faixa de rendimento superior, acima de 10.000,00. O inverso ocorre na categoria dos dirigentes do setor público e privado em que a proporção de ocupados diminui conforme aumenta o rendimento; nesta categoria em torno de um terço dos ocupados se encontra na faixa de rendimento acima de mil até 3 mil. (Gráfico 9)

Gráfico 9 – Dirigentes segundo categorias por rendimento – RMC, 2012/2017.

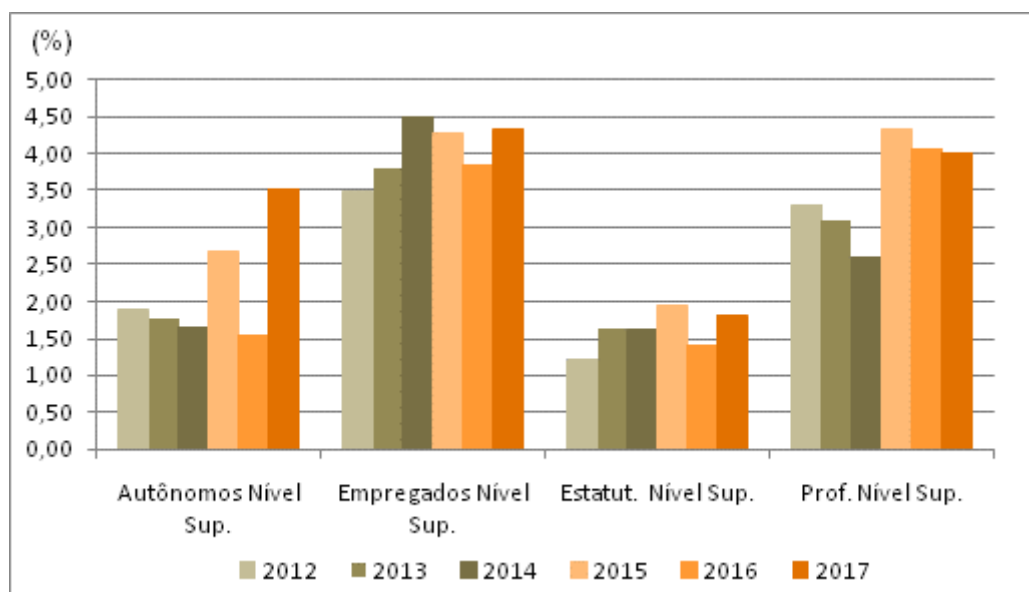


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.2. Profissionais de Nível Superior

Os Profissionais de Nível Superior, formado pelas categorias Profissionais Autônomos de Nível Superior, Profissionais Empregados de Nível Superior, Profissionais Estatutários de Nível Superior e Professores de Nível Superior, como visto anteriormente foi o Grupo que apresentou maior destaque positivo na estrutura social da RMC. Os Profissionais autônomos desse grupo se destacaram por apresentarem o maior crescimento na participação na estrutura social metropolitana, passando de 1,88% para 3,51%. No entanto Empregados de Nível Superior e Professores de Nível Superior ainda se apresentam com os maiores volumes de ocupados deste grupo. (Gráfico 10)

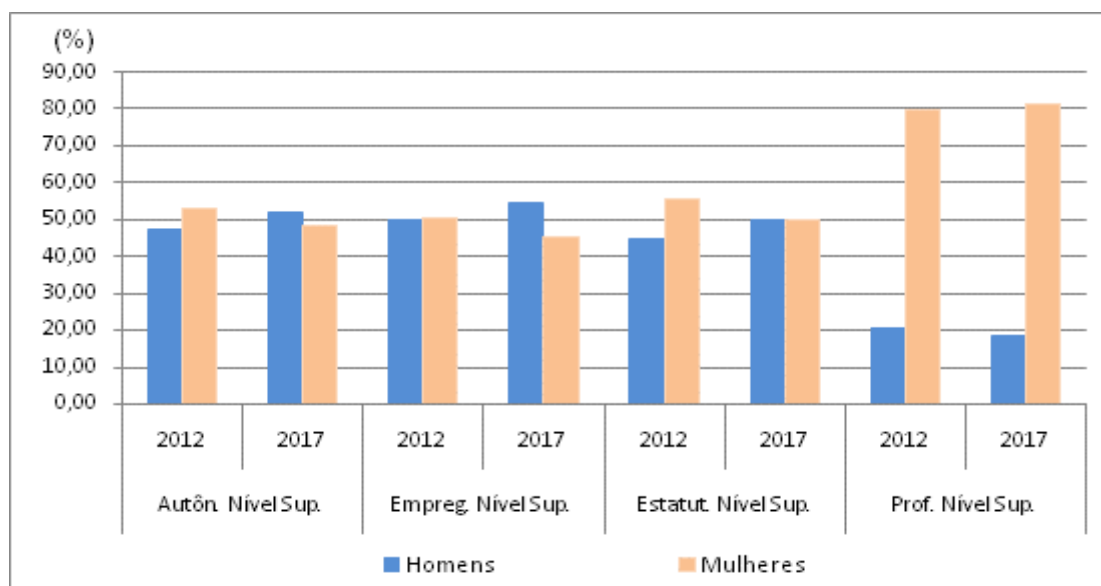
Gráfico 10 – Participação percentual dos profissionais de nível superior na estrutura sócio-ocupacional segundo categorias na RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em que pese a prevalência do sexo feminino entre os ocupados no Grupo dos Profissionais de Nível Superior, verifica-se diminuição da participação das mulheres no período, passando de 61% em 2012 para 57% em 2017. Essa diminuição ocorreu em todas as categorias, exceto entre os professores de nível superior em cuja categoria há o predomínio de mulheres, passando de 80% em 2012 para 82% em 2017. (Gráfico 11)

Gráfico 11 – Profissionais de nível superior segundo categorias por sexo - RMC, 2012/2017.

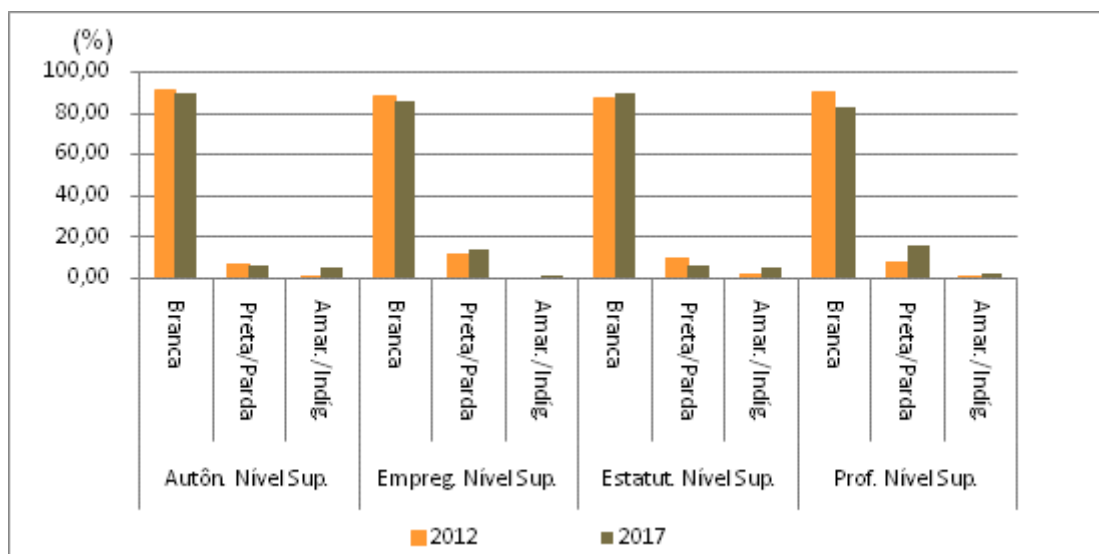


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em relação à cor ou raça, há o predomínio da cor branca, 89% em 2012 e 86% em 2017, sendo evidente em todas as categorias, o que torna evidente uma maior

escolaridade entre os brancos em relação às demais raças. Apesar de a presença de ocupados da cor/raça amarela e indígena ser insignificante, foram os que apresentaram maior crescimento no período, passando de 1% em 2012 para 3% em 2017. Ressalta-se que há diminuição da proporção de brancos em todas as categorias exceto entre os estatutários e, verifica-se aumento da proporção de pretos e pardos entre os empregados de nível superior e entre os professores. (Gráfico 12)

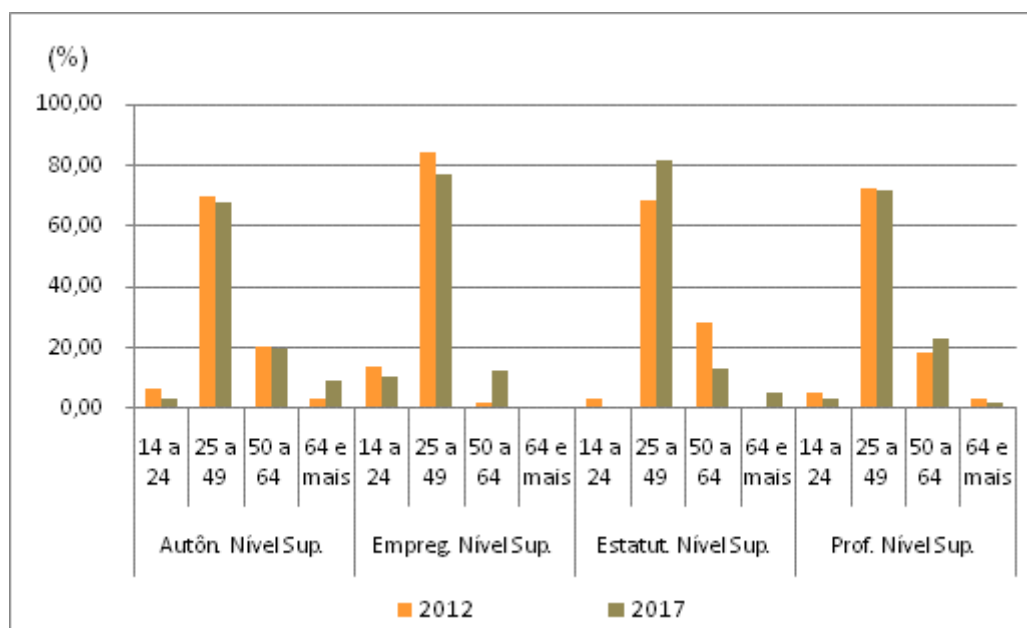
Gráfico 12 – Profissionais de nível superior segundo categorias por cor ou raça - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à idade dos ocupados no Grupo de Profissionais de nível superior, se concentram nas idades mais jovens, na faixa dos 25 a 49 anos, mas há perda de participação nesta faixa etária no período, de 75,5% para 73,6%, em função de um aumento de participação na faixa de idade superior, de 64 anos e mais que passou de 16,0% para 21,3%. Essa constatação pode estar relacionada a uma maior permanência no mercado de trabalho das pessoas com maior nível de escolaridade. Esse aumento foi relevante entre os profissionais autônomos e os estatutários. Também entre os estatutários verificou-se aumento da participação dos ocupados na faixa mais jovem de 25 a 49 anos, enquanto há diminuição nas demais categorias. (Gráfico13)

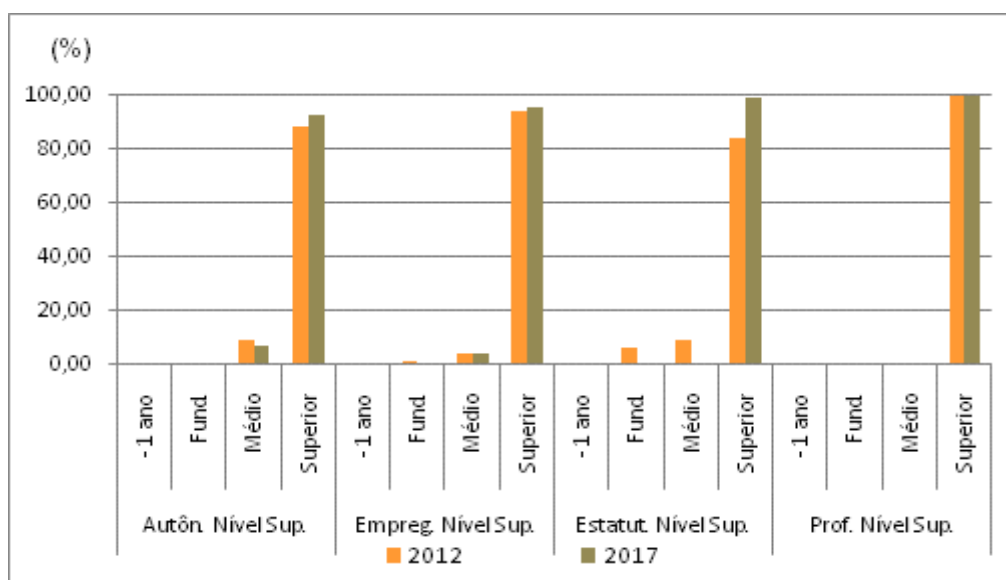
Gráfico 13 – Profissionais de nível superior segundo categorias por grupos etários - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Embora este Grupo reúna predominantemente ocupações que requerem credencial de nível superior, ainda assim, em algumas categorias se vê ocupados com escolaridade inferior à exigida conforme observado no Gráfico 14 abaixo⁹. A única categoria com 100% dos ocupados com nível superior é a de Professores.

Gráfico 14 – Profissionais de nível superior segundo categorias por escolaridade - RMC, 2012/2017.



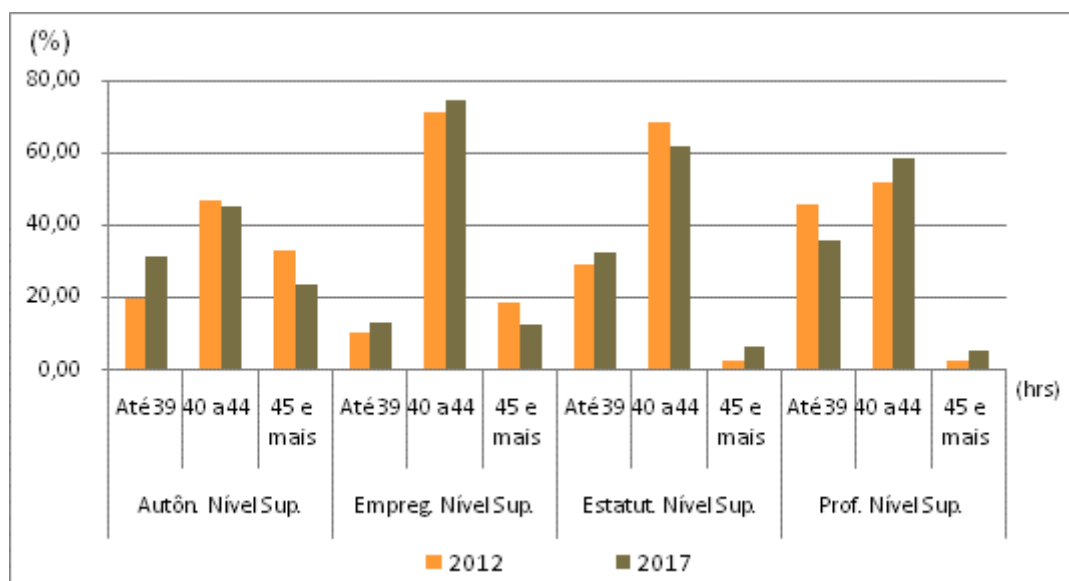
Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

⁹ Por exemplo, neste Grupo estão classificadas pessoas que trabalham como desenvolvedoras de páginas de internet para as quais não há o requerimento da formação superior.

A maioria dos ocupados no Grupo de Profissionais de Nível Superior possuía, em 2017, jornada média de trabalho de 40 a 44 horas semanal (63%), mas 27% tinham jornada inferior a 40hs e somente 10% com jornada superior a 44 horas. Observa-se que todas as categorias concentram ocupados em jornada com 40 a 44 horas de trabalho, entretanto entre os profissionais Autônomos há uma distribuição maior dos ocupados trabalhando tanto menos de 40 horas como mais de 44 horas. Entre os professores há um equilíbrio entre os ocupados com menos de 39 horas de trabalho e com 40 a 44 horas. (Gráfico 15)

Gráfico 15 – Profissionais de nível superior segundo categorias por horas trabalhadas - RMC, 2012/2017.

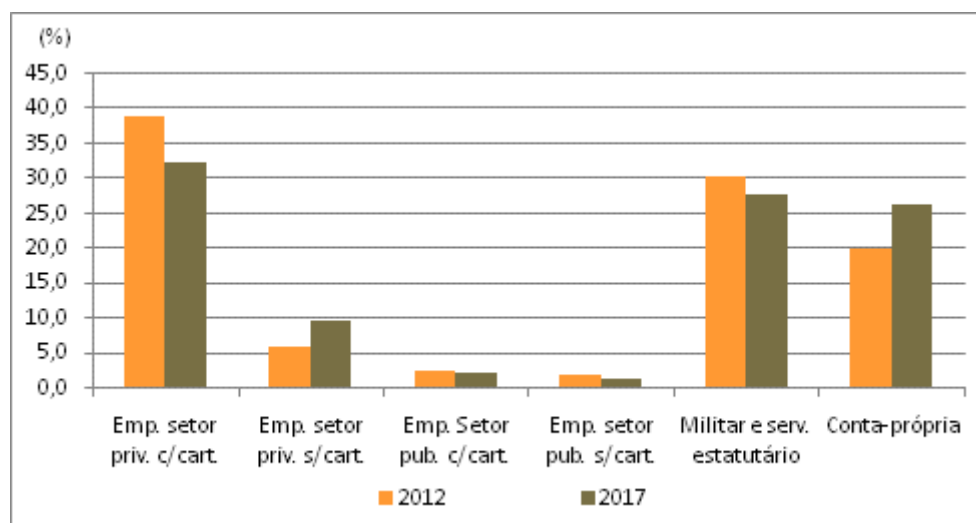


Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à posição na ocupação, o Grupo dos Profissionais de Nível Superior em 2017, se divide entre empregados do setor privado com carteira de trabalho assinada (32%), militares e servidores estatutários (28%) e trabalhadores por conta própria (26%). Na evolução no período, observa-se queda na participação dos empregados do setor privado com carteira de trabalho assinada e aumento dos trabalhadores sem carteira assinada. Também se observa aumento expressivo de participação dos trabalhadores por conta própria, devido aumento de ocupados na categoria Autônomos de Nível Superior. O quadro acima indica uma situação típica de períodos de crise e desemprego em que se observa aumento da precarização do trabalho (Gráfico 16)

Gráfico 16 – Profissionais de nível superior segundo posição na ocupação - RMC, 2012/2017.

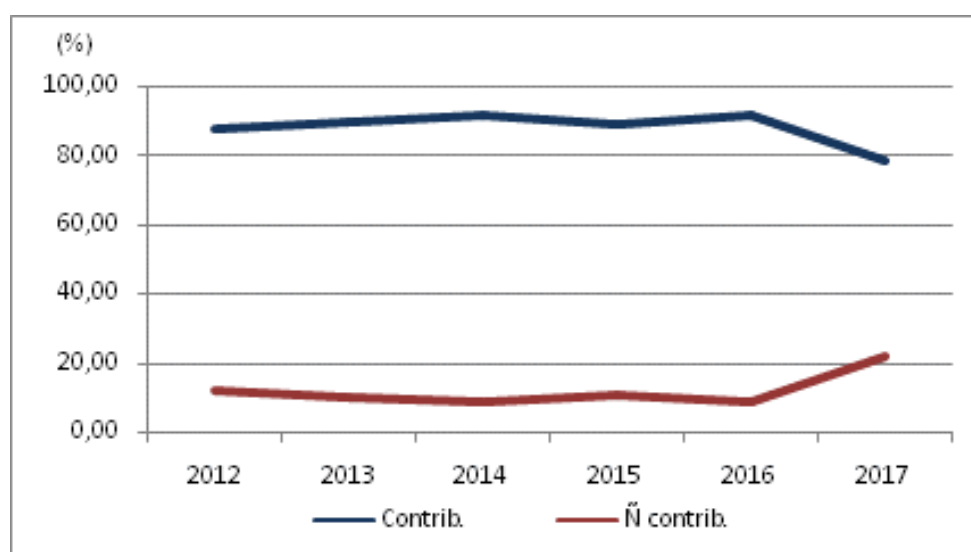


Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Dentro deste Grupo, quando se olha as Categorias, o que mais chama atenção é a categoria dos Profissionais Empregados de Nível Superior que apresentou expressivo aumento da participação de empregados sem carteira assinada que passou de 10% para 24% no período, acompanhado de um decréscimo igualmente significativo dos empregados com carteira assinada, passando de 90% para 76%.

Verifica-se perda de Proteção Social no Grupo dos Profissionais de Nível Superior. Em 2012 87,7% dos ocupados eram contribuintes e apenas 12,3% não contribuíam para instituto de previdência, para 2017 esses valores passaram a ser de 78,2% e 21,8% respectivamente. (Gráfico 17)

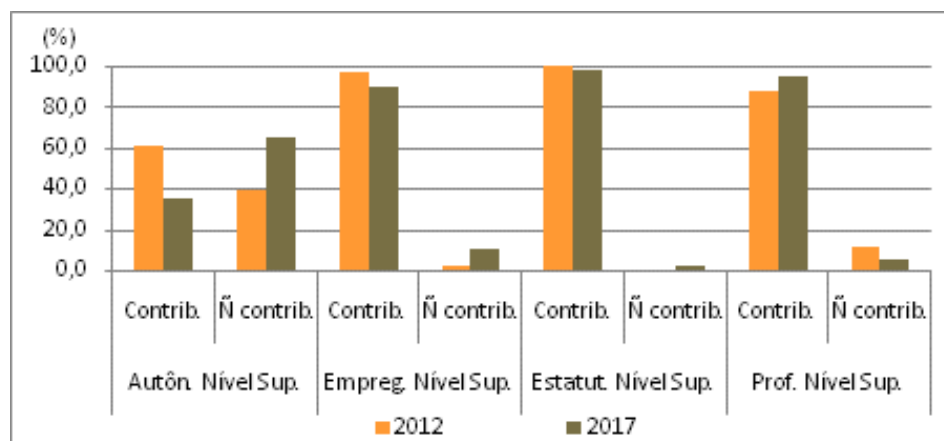
Gráfico 17 – Profissionais de nível superior segundo proteção social - RMC, 2012/2017.



Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Dentre as categorias que compõem este grupo, somente categoria dos professores aumentou a proporção de contribuintes, nas demais categorias houve perda de participação dos contribuintes. (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Profissionais de nível superior segundo categorias por proteção social - RMC, 2012/2017.

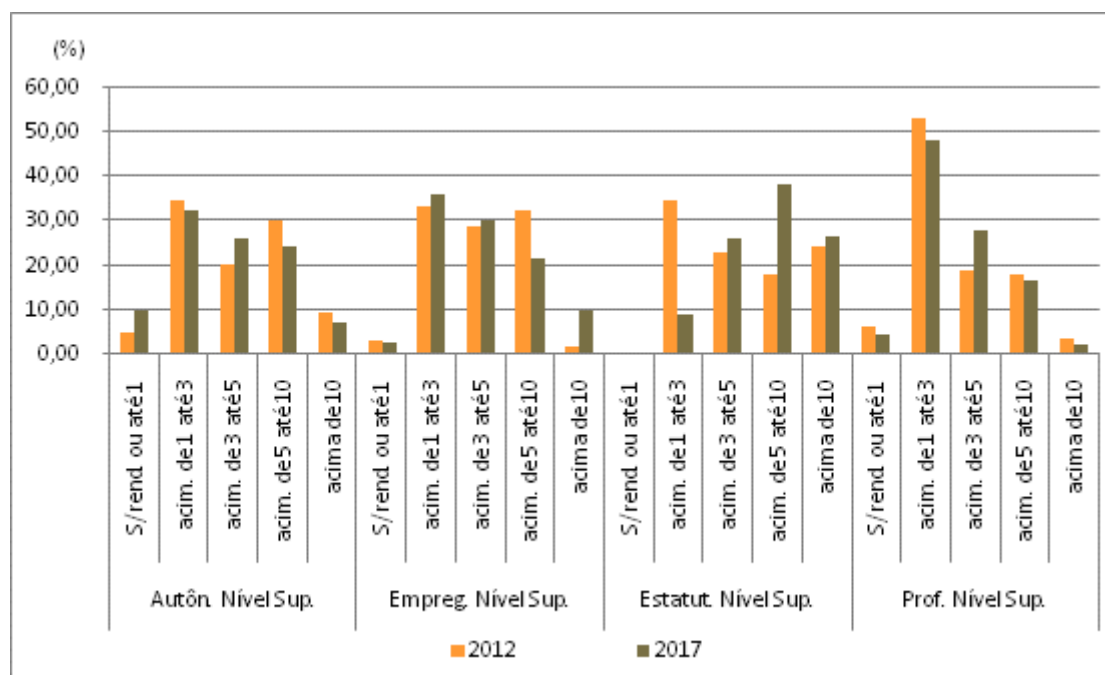


Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao rendimento dos ocupados no Grupo dos Profissionais de Nível Superior, pouco mais de dois terços possuem rendimento de até 5 mil e os demais (32%) recebem acima de 5 mil. Na evolução verifica-se aumento de participação nas faixas de 3 mil a 5 mil e acima de 10 mil.

Na análise por categorias, os Estatutários de Nível Superior apresentaram aumento em seus rendimentos, ou seja, há aumento da participação desses ocupados nas faixas de rendimentos superiores com uma diminuição expressiva dos que possuem rendimentos de até 3 mil. Entre os Autônomos há diminuição da participação de ocupados recebendo mais de 5 mil e na faixa de 1 a 3 mil, com aumento da participação nas faixas inferiores, de até mil e entre 3 e 5 mil. Para os Empregados de Nível Superior houve aumento expressivo dos que recebem mais de 10 mil, com igualmente expressiva diminuição da participação na faixa imediatamente inferior. Os Professores de Nível Superior são os que apresentam maior proporção de ocupados com rendimento inferior a 3 mil, em torno de 50%. Nas outras categorias essa participação gira em torno de um terço dos ocupados. No entanto há um aumento de participação na faixa imediatamente superior, de 3 mil a 5 mil, que passa de 18% para 28%. (Gráfico 19)

Gráfico 19 – Profissionais de nível superior segundo categorias rendimento - RMC, 2012/2017.



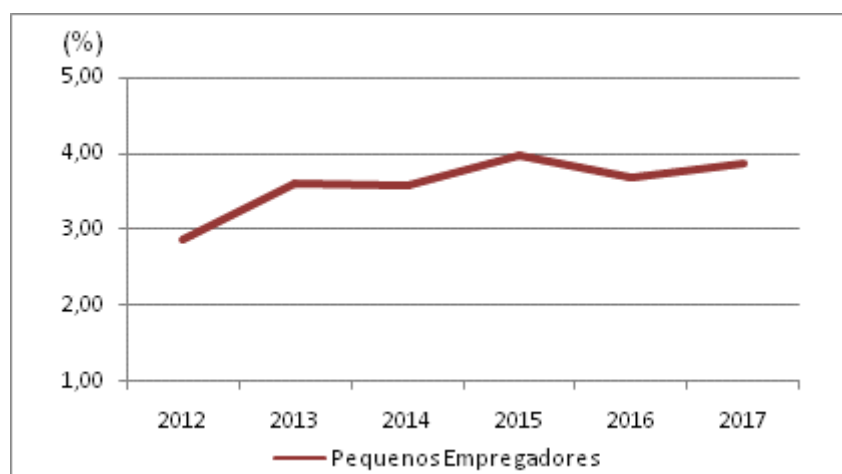
Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.3. Pequenos Empregadores

Fechando a parte superior da estrutura social, verifica-se que a categoria Pequenos Empregadores ganhou participação no período, passando de 2,9% em 2012 para 3,9% em 2017. (Gráfico 20)

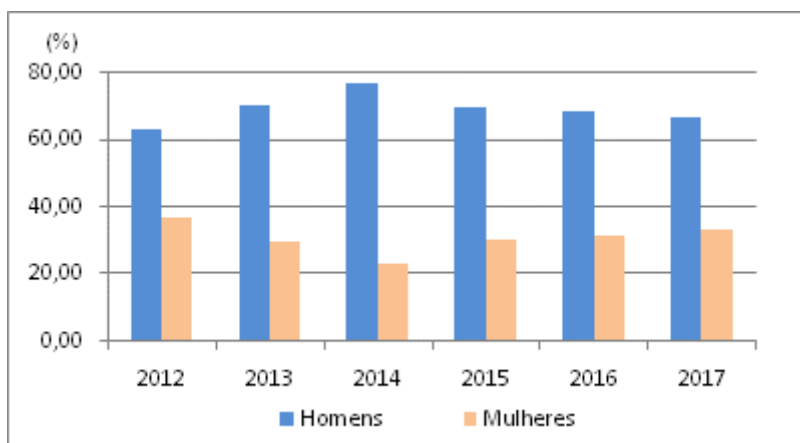
Gráfico 20 – Participação percentual dos pequenos empregadores na estrutura social da RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

O Grupo dos Pequenos Empregadores é composto em sua maioria por homens e essa composição é reforçada no período com aumento da participação dos homens, passando de 63,2% em 2012 para 66,8% em 2017. (Gráfico 21)

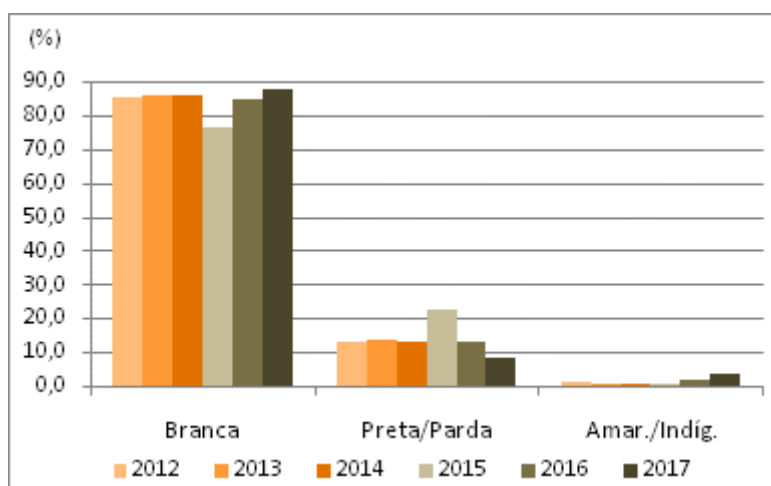
Gráfico 21 – Pequenos empregadores por sexo - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em relação a cor ou raça há a prevalência de brancos entre os Pequenos Empregadores quase 88% dos ocupados em 2017. Verifica-se um pequeno aumento de participação de brancos no período, de 85,6% para 87,7%, perda de participação de pretos e pardos, de 13,4% para 8,6% e aumento de amarelos e indígenas passando de 1% para 3,7%. (Gráfico 22)

Gráfico 22 – Pequenos empregadores por cor ou raça - RMC, 2012/2017.

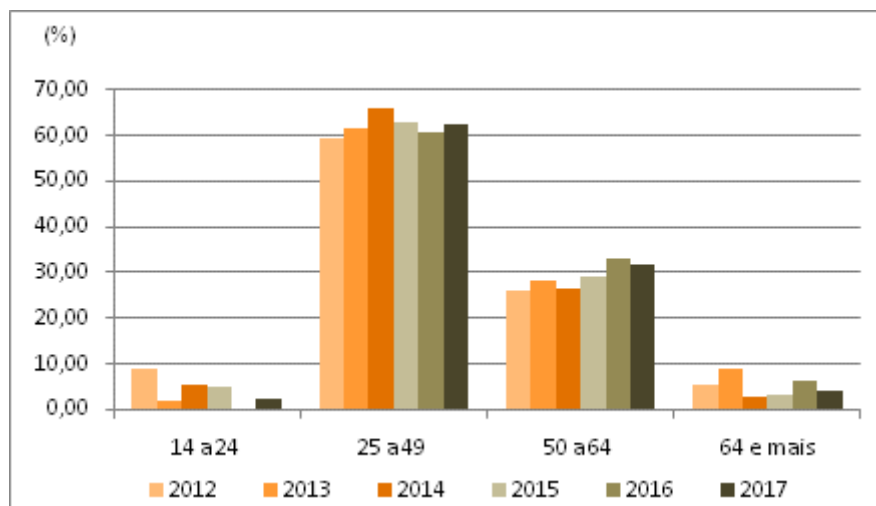


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à estrutura etária verifica-se que a idade média dos Pequenos Empregadores se concentra na faixa de 25 a 49 anos com 62% em 2017. Também há proporção importante na faixa de 50 a 64 anos. Na evolução no período se percebe pequeno aumento na faixa de adultos jovens, de 25 a 49 anos (de 59,5% para 62,3%),

mas um aumento mais significativo na faixa posterior (de 26,1% para 31,5%). Nas faixas extremas há diminuição de participação. (Gráfico 23)

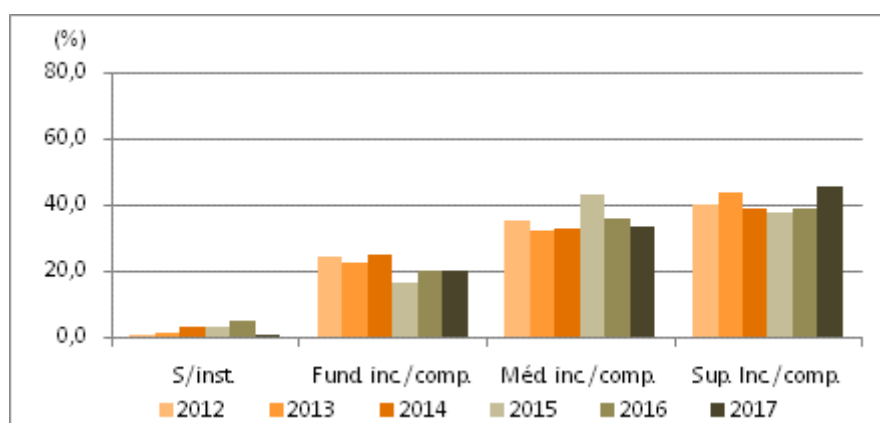
Gráfico 23 – Pequenos empregadores por grupos etários - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à escolaridade, os Pequenos Empregadores se dividem entre nível médio e superior, com pequena vantagem percentual para o nível superior. Em termos evolutivos há aumento da participação dos Pequenos Empregadores com nível superior de 39,8% em 2012 para 45,7% em 2017, seguido de diminuição da participação do ensino médio e fundamental, passando de 35,2% para 33,5% e 24,2% para 20,2% de 2012 a 2017 respectivamente. (Gráfico 24)

Gráfico 24 – Pequenos empregadores segundo a escolaridade - RMC, 2012/2017.

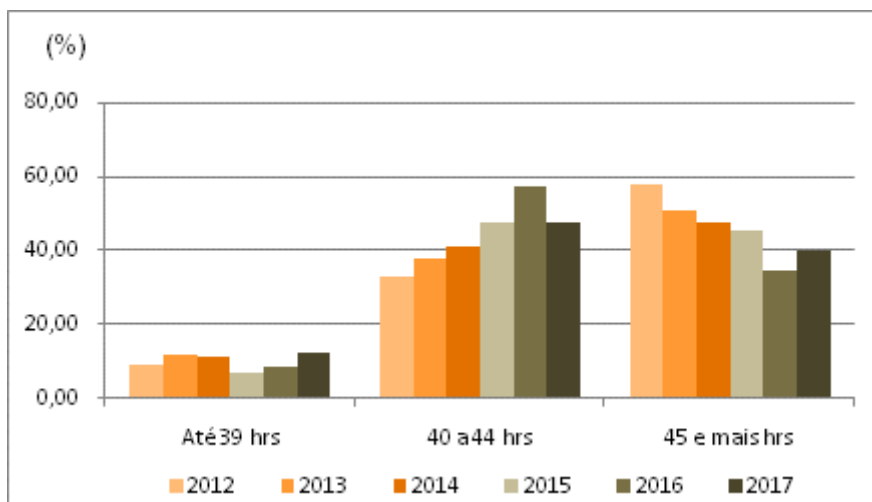


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao tempo despendido ao trabalho, 47,6% dos Pequenos Empregadores trabalhavam, em 2017, entre 40 e 44 horas semanais e 39,7% trabalhavam mais de 44 horas. No período analisado houve uma inversão desses valores, pois em 2012 uma

proporção maior de Pequenos Empregadores trabalhava acima de 44 horas (58%) e uma proporção menor trabalhava entre 40 e 44 horas (32,8%). (Gráfico 25)

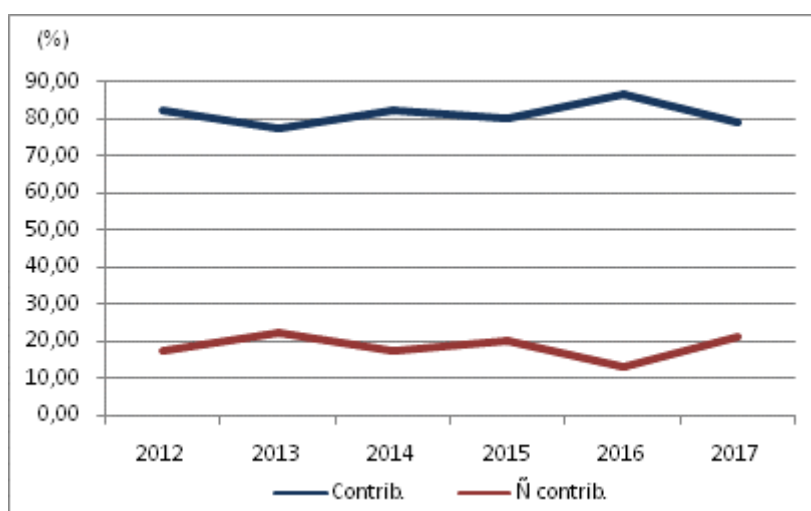
Gráfico 25 – Pequenos empregadores segundo horas semanais trabalhadas - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A posição na ocupação aponta para 100% de empregadores. Quanto à Proteção Social verifica-se um decréscimo de contribuintes e um aumento de não contribuintes, apontando perda de proteção social no Grupo dos Pequenos Empregadores. Em 2012 82,7% dos ocupados era contribuintes e apenas 17,3% não contribuía para instituto de previdência, para 2017 esses valores passaram a ser de 78,9% e 21,1% respectivamente. (Gráfico 26)

Gráfico 26 – Pequenos empregadores segundo proteção social - RMC, 2012/2017.

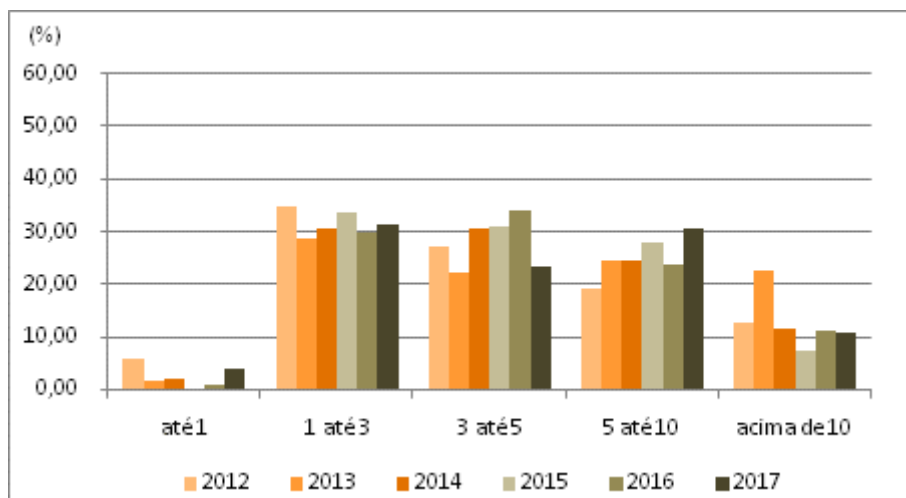


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao rendimento dos Pequenos Empregadores os dados apontam concentração nas faixas inferiores de rendimento, 31,3% recebendo entre um mil e três

mil, e 23,3% entre 3 mil e 5 mil. Nas faixas superiores há 30,5% com rendimento entre 5 mil e 10 mil e 10,3% acima de 10 mil. (Gráfico 27)

Gráfico 27 – Pequenos empregadores segundo rendimento - RMC, 2012/2017.

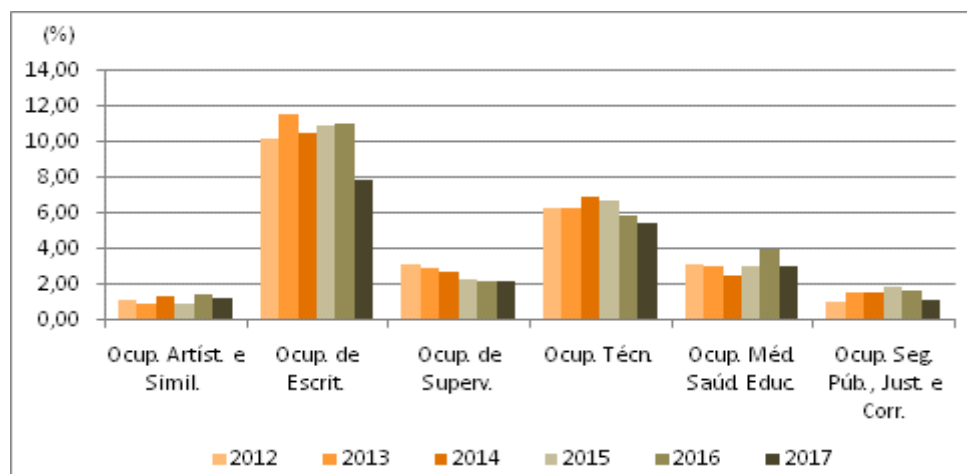


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.4. Ocupações Médias

O grupo das Ocupações Médias formado pelas categorias Ocupações Artísticas e Similares, Ocupações de Escritório, Ocupações de Supervisão, Ocupações Técnicas, Ocupações Médias da Saúde e Educação e Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios, perdeu participação na composição da estrutura social da RMC entre 2012 e 2017. As Ocupações de Escritório foram as que apresentaram maior variação negativa, passando de 10,14%, em 2012, para 7,82% em 2017. (Gráfico 28)

Gráfico 28 – Participação percentual das ocupações médias na estrutura sócio-ocupacional segundo categorias na RMC, 2012/2017.

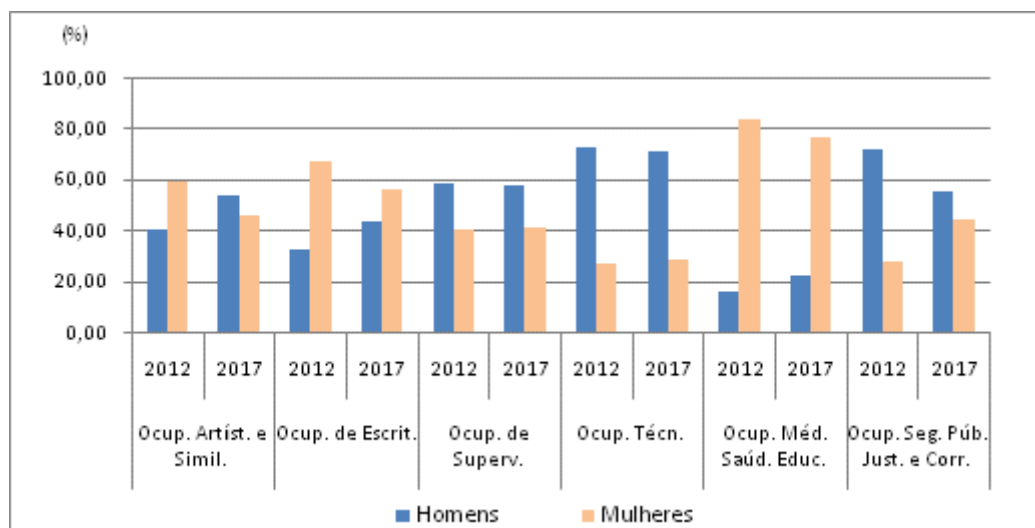


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Nas Ocupações Médias em 2012 as mulheres eram a maioria com 54% e a participação de homens era de 46%. Em 2017 ocorreu diminuição no volume de mulheres maior que a diminuição de homens, fazendo com que a participação destes, passe a prevalecer (51%).

Olhando as categorias dentro do Grupo, há predominância de mulheres nas Ocupações de Escritório (67%) e nas Ocupações Médias da Saúde e Educação (77,3%). Nas demais categorias há prevalência de homens com maiores participações nas Ocupações Técnicas e nas Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios com mais de 70%. Observa-se que no período houve perda ou manutenção da participação de mulheres em quase todas as categorias, sendo que nas Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios houve aumento. (Gráfico 29)

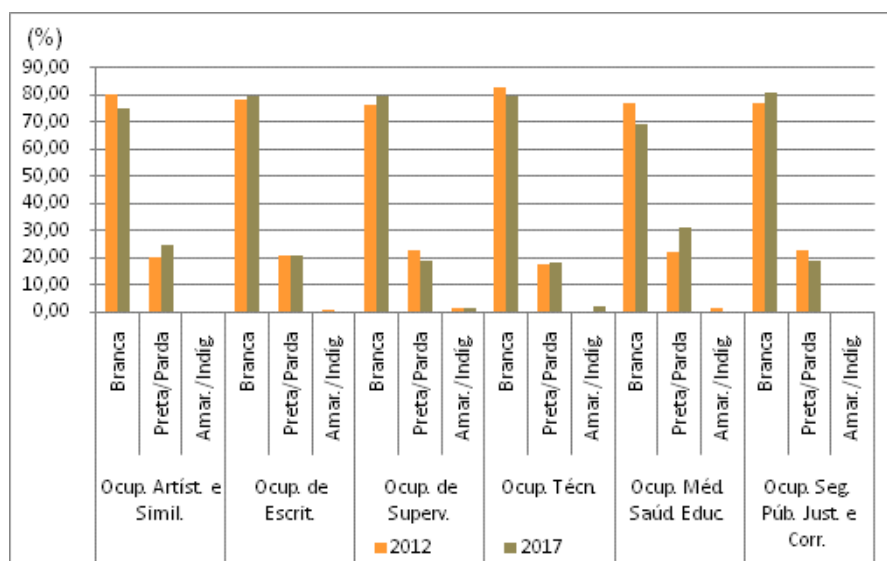
Gráfico 29 – Ocupações médias segundo categorias por sexo - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A cor branca é predominante entre os ocupados do Grupo (78%), tendo permanecido praticamente inalteradas as proporções no período. Essa composição se mantém para as categorias que compõem as Ocupações Médias. Nas Ocupações Médias de Saúde e Educação há um incremento maior da participação da cor ou raça preta/parda entre os ocupados. (Gráfico 30)

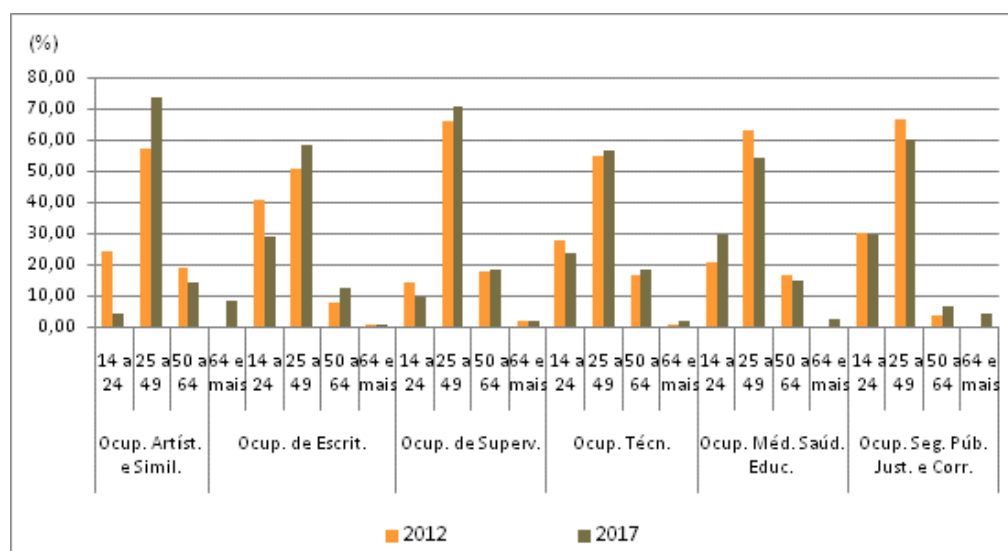
Gráfico 30 – Ocupações médias segundo categorias por cor ou raça - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A faixa etária dos ocupados no Grupo das Ocupações médias também se concentra nas idades jovens adultas de 25 a 49 anos 61,6% em 2012 e 59,3% em 2017. Também há parcela importante de jovens no grupo, em 2012 quase um terço estava na faixa de 14 a 24 anos e, mesmo reduzindo a proporção, ainda um quarto dos ocupados se encontravam nesta faixa em 2017. O percentual de ocupados com idade acima de 50 anos aumentou de 13,3% para 16,6%. Essa composição se repete nas categorias desse grupo com algumas diferenças na evolução. As categorias Ocupações Artísticas e Similares, Ocupações de Escritório e Ocupações de Supervisão apresentaram aumento de participação na faixa etária de 25 a 49 anos. Nas Ocupações Médias de Saúde e Educação observou-se aumento de participação dos jovens de 14 a 24 anos. (Gráfico 31)

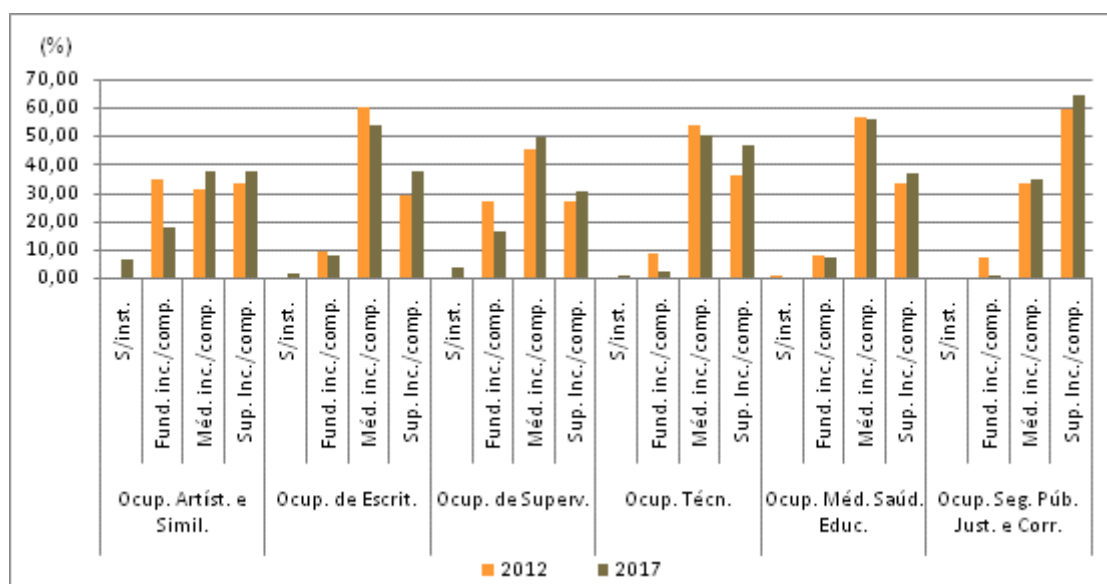
Gráfico 31 – Ocupações médias segundo categorias por grupos etários- RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Nas Ocupações Médias se observa um movimento de melhoria na escolaridade entre seus ocupados, mesmo com a maioria tendo ensino médio, 54,0% em 2012 e 50,6% em 2017, há um aumento da participação de ocupados com nível superior, passando 32,8% para 40,7%. Dentro do Grupo observa-se que nas Ocupações Artísticas e Similares e nas Ocupações de Supervisão há parcela importante de ocupados com escolaridade inferior, 18% e 16% respectivamente. Por outro lado, as Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios possuíam em 2017 a maior parcela de seus ocupados com nível superior (64,6%). (Gráfico 32)

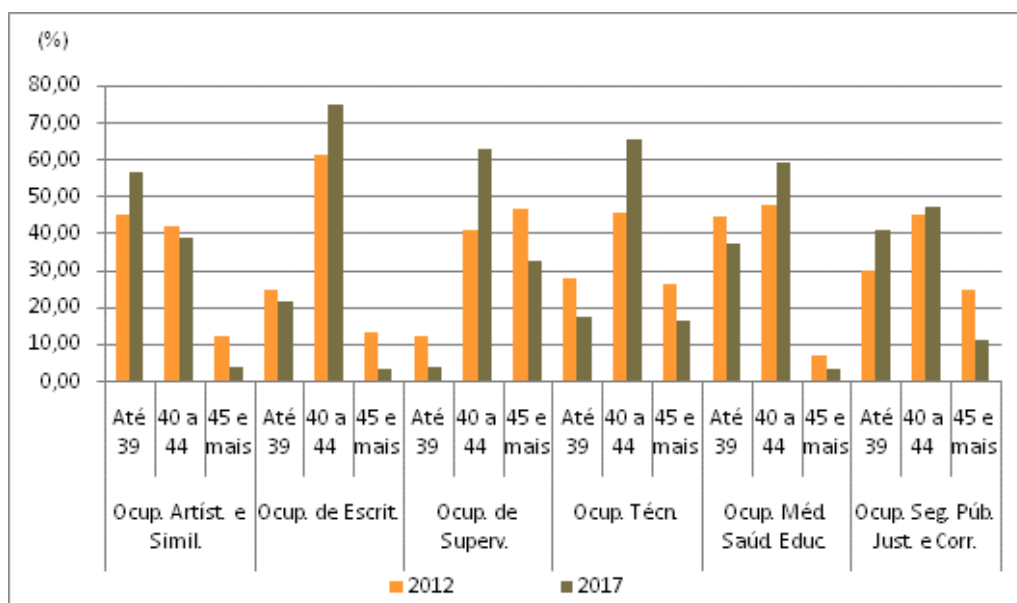
Gráfico 32 – Ocupações médias segundo categorias por escolaridade - RMC, 2012/2017.



Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao número de horas despendidas nas atividades do Grupo, mais de 50% dos ocupados gastam em média de 40 a 44 horas semanais, proporção que aumentou no período, passando de 51,7% para 65,3%. Também há proporção expressiva dos que trabalham pouco menos, abaixo de 40 horas, 27,8% em 2012 e 24,1% em 2017. Observa-se que à exceção das Ocupações Artísticas e Similares cuja jornada é inferior a 40 horas semanais entre 57% dos ocupados, as demais categorias concentram ocupados em jornada de 40 a 44 horas trabalhadas. Observa-se também que nas Ocupações de Supervisões há proporção elevada de ocupados com jornada acima de 44 horas semanais (32%). (Gráfico 33)

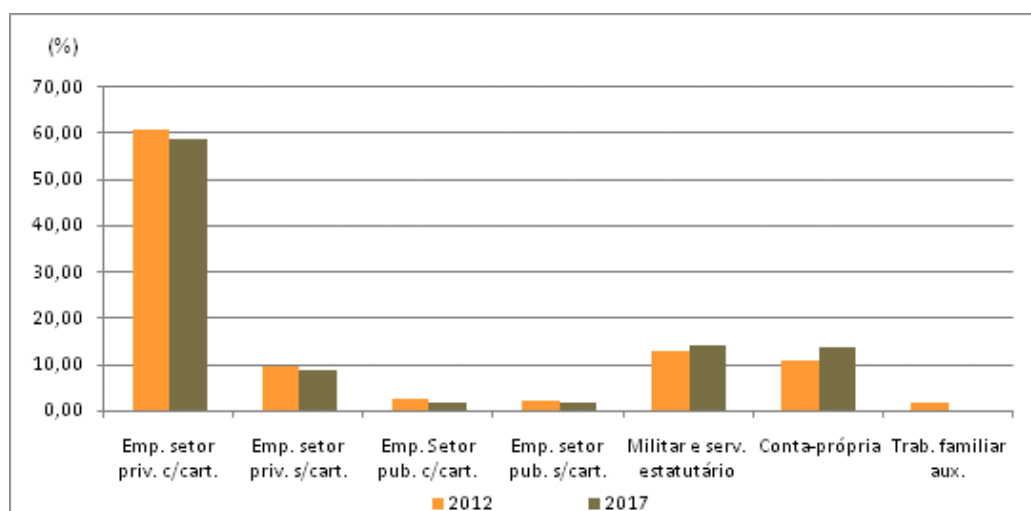
Gráfico 33 – Ocupações médias segundo categorias por horas trabalhadas - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à posição na ocupação, o Grupo das Ocupações Médias em 2017, se concentra nos empregados do setor privado com carteira de trabalho assinada (57,8%), situação que pouco modificou em relação à 2012 cuja participação era de 60,7%. Verifica-se aumento na proporção dos ocupados na condição de Conta Própria que era de 10,8% e passa para 14,0% entre 2012 e 2017. Também há pequena variação positiva no Militares e Estatutários passando de 13,0% para 14,4% no período. (Gráfico 34)

Gráfico 34 – Ocupações médias segundo posição na ocupação - RMC, 2012/2017.



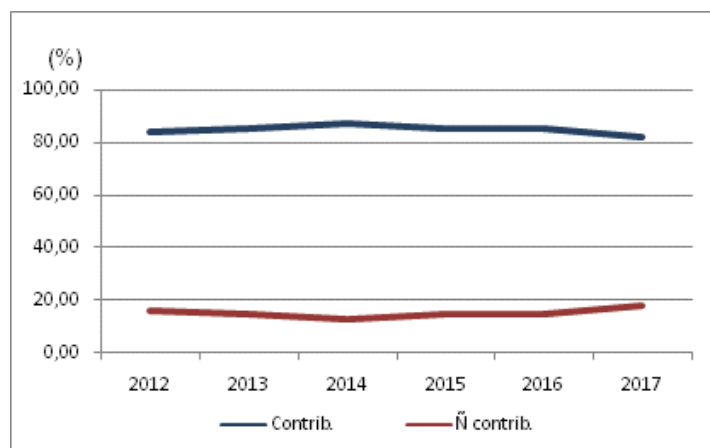
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Dentro deste Grupo, quando se observa as Categorias, as Ocupações Artísticas e Similares se diferenciam, pois trabalham por conta própria, 66,1% em 2012 e 70,5% em 2017. Também as Ocupações de Segurança Pública, Justiça e Correios se diferenciam

da média do grupo, pois se enquadram na categoria Militar e Servidor Estatutário, 59,7% em 2012 e 65,7% em 2017.

Quanto a Proteção Social o Grupo das Ocupações Médias apresenta pequena perda de proteção frente aos demais grupos, ou seja, em 2012 84% dos ocupados eram contribuintes e 16% não contribuía para instituto de previdência, para 2017 esses valores passaram a ser de 82% e 18% respectivamente. (Gráfico 35)

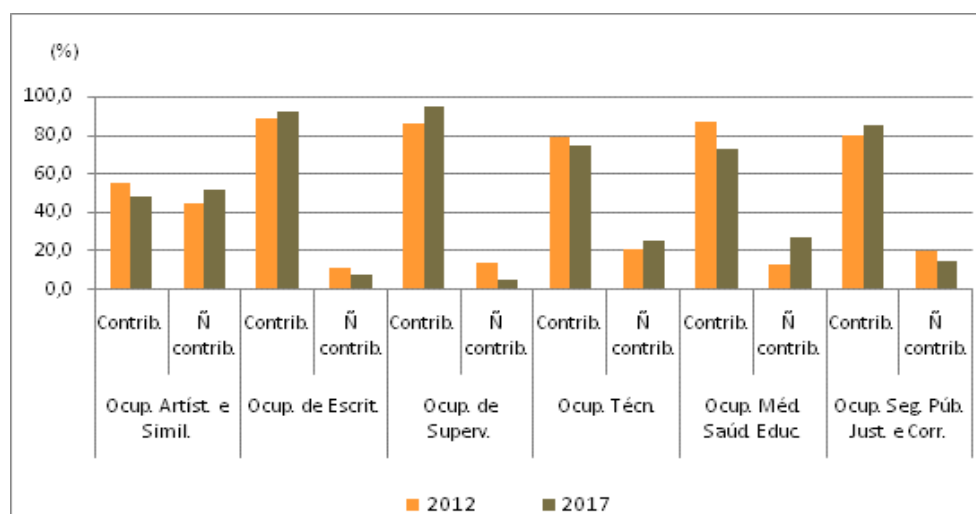
Gráfico 35 – Ocupações médias segundo proteção social - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Três categorias das que compõem este grupo, tiveram aumento na proporção de contribuintes entre 2012 e 2017. As Ocupações de Escritório que passaram de 88,9% para 91,8%; as Ocupações de Supervisão que passaram de 85,9% para 94,4% e as Ocupações de Segurança Pública Justiça e Correios de 79,9% para 84,7%. As demais categorias apresentaram perda de proteção com aumento de participação de não contribuintes. (Gráfico 36).

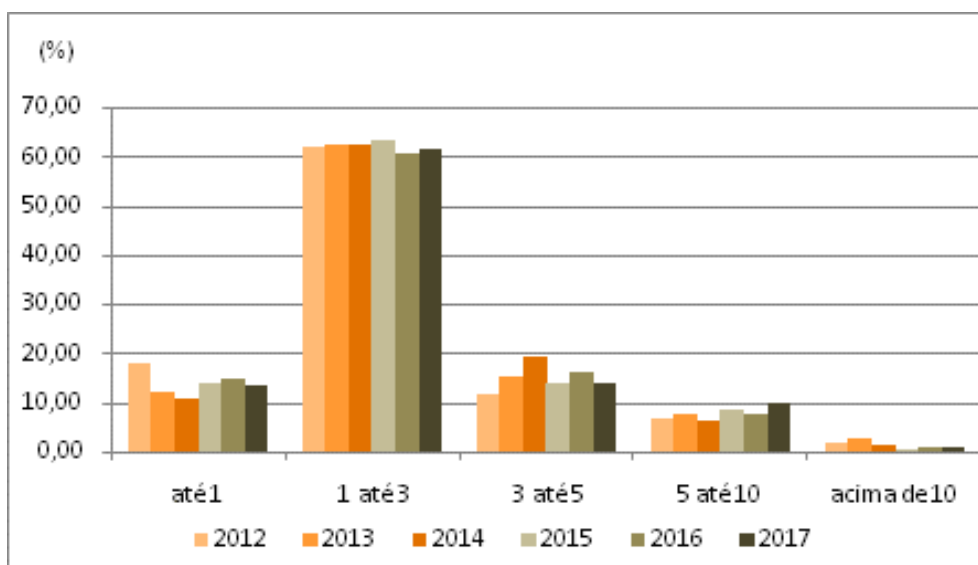
Gráfico 36 – Ocupações médias segundo categorias por proteção social - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao rendimento, verifica-se que a maior parcela dos ocupados do Grupo das Ocupações Médias possui rendimento inferior, ou seja, 80% tinham rendimento abaixo de 3 mil em 2012, sendo que essa parcela diminuiu em 2017 para 75%. Por outro lado, a parcela que com rendimento entre 3 mil e 5 mil aumenta de 11,5% para 14%, o mesmo ocorrendo com a parcela que tem rendimento entre 5 mil e 10 mil que passa de 7% para 10%. (Gráfico 37)

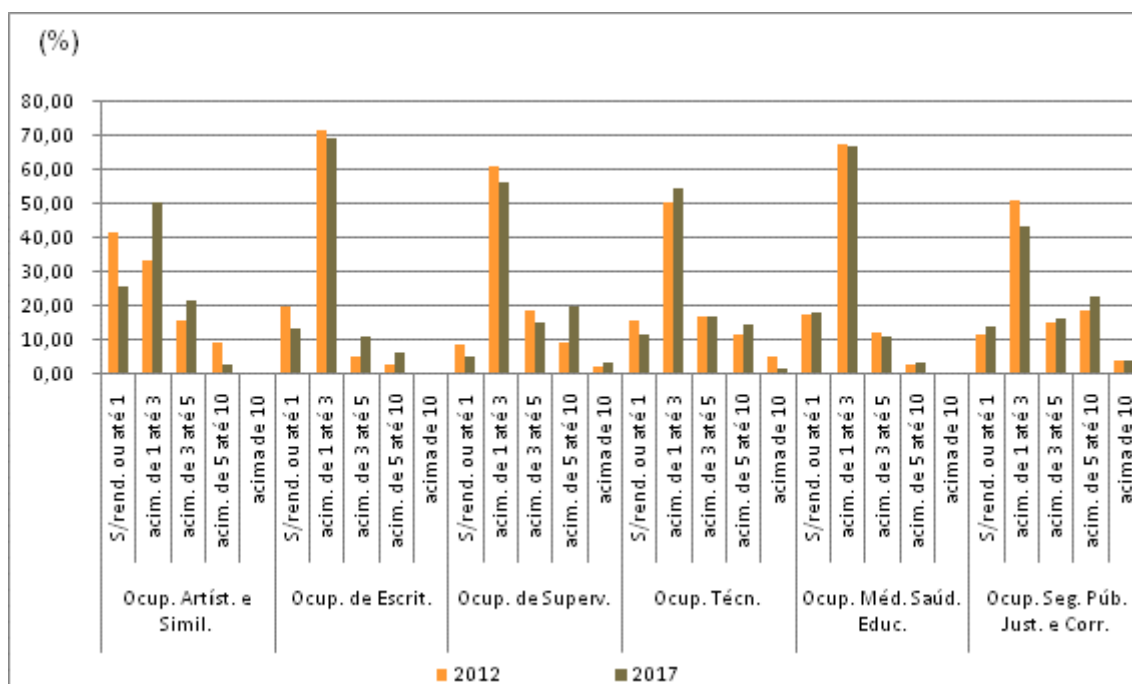
Gráfico 37 – Ocupações médias segundo rendimento - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Na análise por categorias, verifica-se que a categoria Ocupações Artísticas e Similares é a que possui maior parcela de ocupados sem rendimento ou até 1 mil, mesmo apresentando significativa redução no período, passando de 42% em 2012 para 26% em 2017. Nas demais categorias a grande maioria dos ocupados se encontra na faixa de rendimento entre 1 mil e 3 mil. Destacam-se ainda, as categorias das Ocupações de Supervisão e de Segurança Pública, Justiça e Correios por apresentarem, em 2017, parcela significativa de ocupados com rendimento mais elevado, entre 5 mil e 10 mil, 20% e 22,5% respectivamente. (Gráfico 38)

Gráfico 38 – Ocupações médias segundo categorias por rendimento - RMC, 2012/2017.

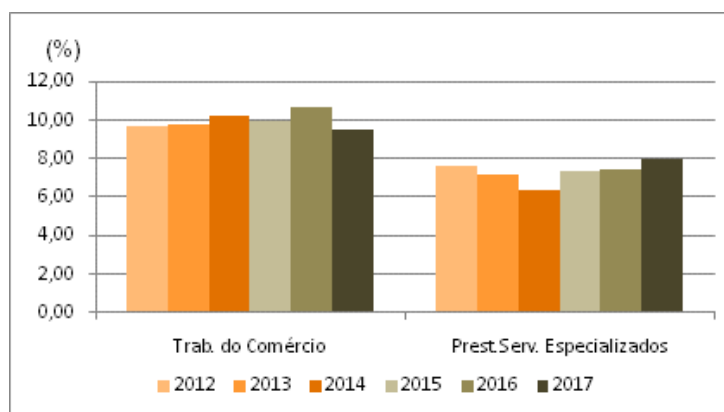


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.5. Trabalhadores do terciário especializado

O Grupo dos Trabalhadores do Terciário Especializado, composto pelas categorias Trabalhadores do Comércio e Prestadores de Serviços Especializados, com aproximadamente 17% do total de ocupados da RMC, apresentou certa estabilidade no período, tanto em volume como em participação na estrutura social. Percebe-se dois movimentos no período, um aumento de participação dos trabalhadores no comércio entre 2012 e 2016 quando atingiu a maior participação, com retração em 2017, já os prestadores de serviços especializados que apresentaram diminuição de participação nos três primeiros anos do período, apresentou crescimento entre 2015 e 2017. (Gráfico 39)

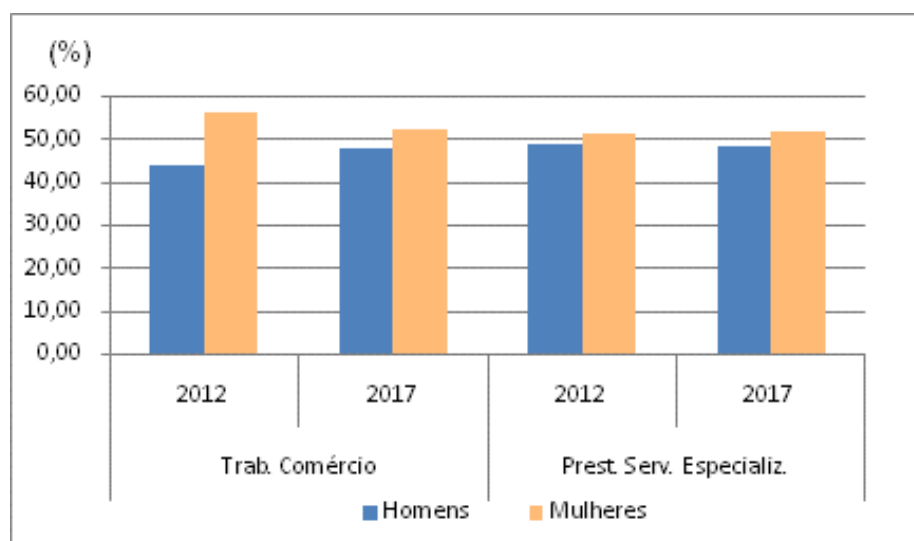
Gráfico 39 – Participação percentual dos trabalhadores do terciário especializado na estrutura socio-ocupacional segundo categorias na RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Na análise das condições sociais do Grupo, verifica-se que o sexo feminino é predominante, mas a diferença percentual entre homens e mulheres vem diminuindo ao longo do período. Em 2012 havia 46% de homens contra 54% de mulheres, em 2017 a proporção passou para 48% e 52% respectivamente. Essa composição se repete em ambas as categorias do grupo ainda que os Trabalhadores do Comércio apresentem a maior proporção de mulheres do grupo e, na categoria dos Prestadores de Serviço Especializado, contrário do grupo como um todo, há um aumento da proporção de mulheres no período. (Gráfico 40)

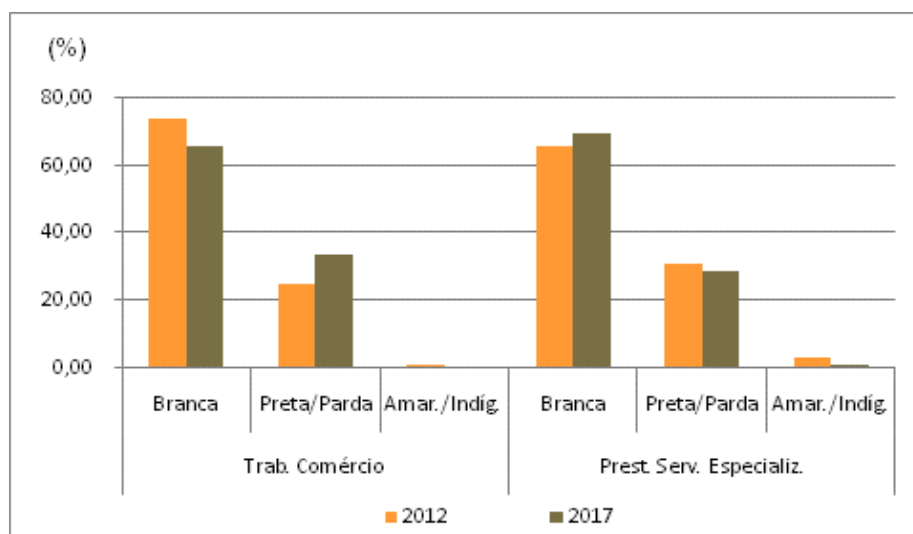
Gráfico 40 – Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por sexo - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em relação à cor ou raça, há predomínio da cor branca em ambas as categorias, no entanto, os trabalhadores de cor ou raça preta/parda têm participação importante em torno de 30% em nas duas categorias. Na categoria dos Trabalhadores do Comércio verifica-se aumento de pretos e pardos em contraposição a uma diminuição dos ocupados de cor branca, já entre os Prestadores de Serviço Especializado há aumento de ocupados de cor branca e diminuição da cor preta/parda. A presença da cor/raça amarela e indígena é insignificante. (Gráfico 41)

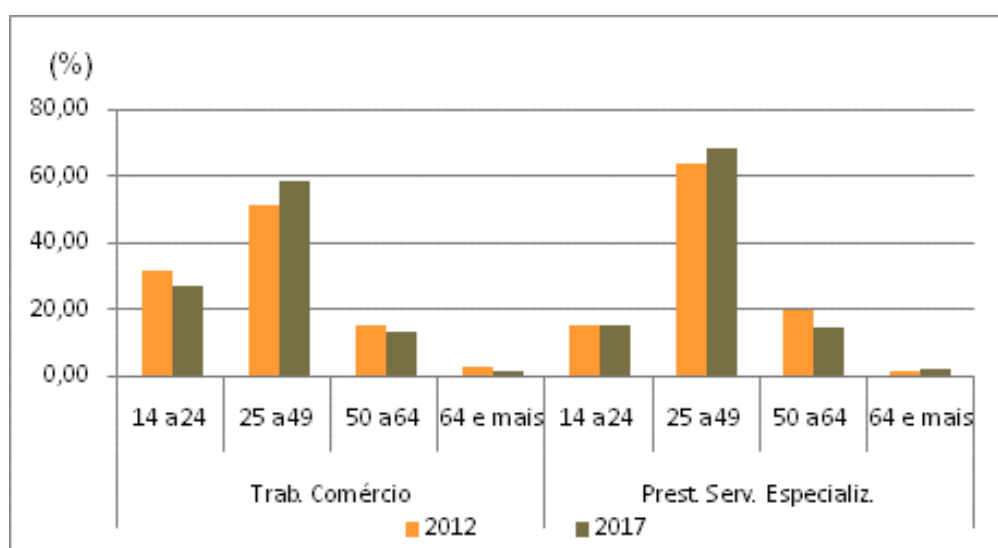
Gráfico 41– Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por cor ou raça- RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à idade dos Trabalhadores do Terciário Especializado há maior participação no grupo etário de 25 a 49 anos com aumento nesta faixa em ambas as categorias. Em 2012 havia 51,2% dos Trabalhadores do Comércio na faixa dos 25 a 49 anos e aumentou a participação para 58,2% em 2017. Para os Prestadores de Serviços Especializados essa proporção era de 63,6% e passou para 68,5%. Para os Trabalhadores do Comércio também se observa participação importante de pessoas mais jovens, com idade entre 14 e 24 anos, 31,4% em 2012 e 27,2% em 2017. Há diminuição nos grupos etários superiores a 50 anos. (Gráfico 42)

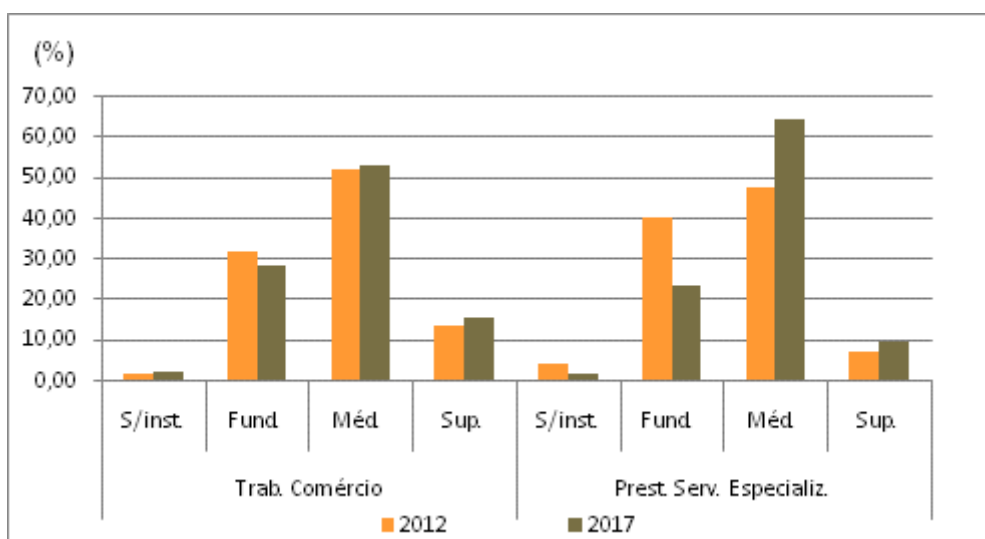
Gráfico 42– Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por grupos etários - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à escolaridade, a maioria dos ocupados nesse grupo pouco mais de 50% possui até o ensino médio e uma pequena parcela possui o nível superior. Nas duas categorias que compõem este grupo também há predomínio de escolaridade média com 53,4% entre os Trabalhadores do Comércio e 64,7% entre os Prestadores de Serviços Especializados em 2017. Nota-se que entre os Trabalhadores do Comércio há uma proporção maior de pessoas com nível superior, 16%, contra 10% entre os Prestadores de Serviço Especializado, no entanto se verifica movimento positivo para este nível, no período, em ambas as categorias. (Gráfico 43)

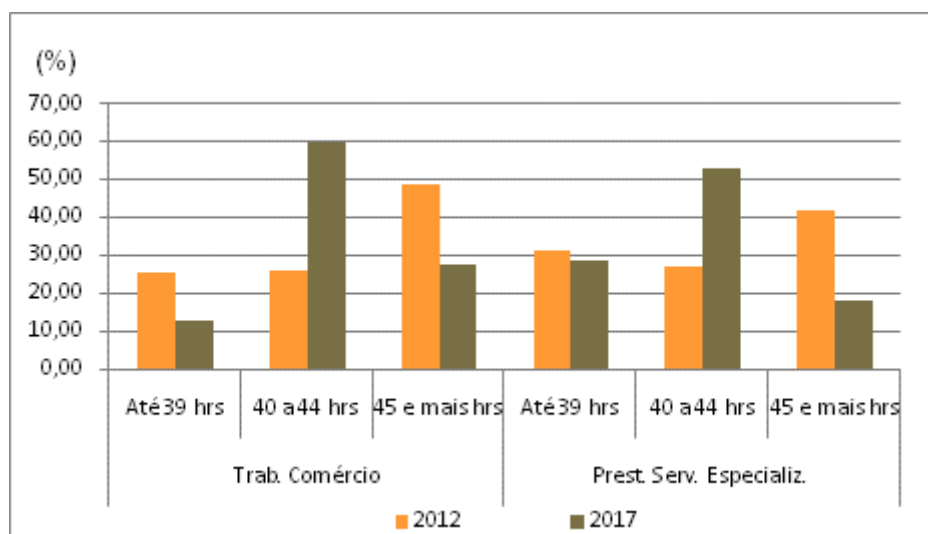
Gráfico 43 – Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por escolaridade - RMC, 2012/2017.



Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao número de horas trabalhadas, observa-se que nas duas categorias em 2012 o número de horas trabalhadas era, em média, maior que em 2017, ou seja, há uma queda de participação de ocupados trabalhando mais de 45 horas em ambas as categorias. Em 2017 a maior proporção está do intervalo de 40 a 44 horas de trabalho semanal 56,82% enquanto que em 2012 a maior proporção (45,62%) estava no intervalo superior, ou seja acima de 45 horas. Em 2012, 48,6% dos Trabalhadores do Comércio trabalhavam mais de 45 horas e em 2017 essa proporção reduziu para 27,5%. Para os Prestadores de Serviço Especializado essas proporções eram de 41,9% e 18,2% para 2012 e 2017 respectivamente. (Gráfico 44)

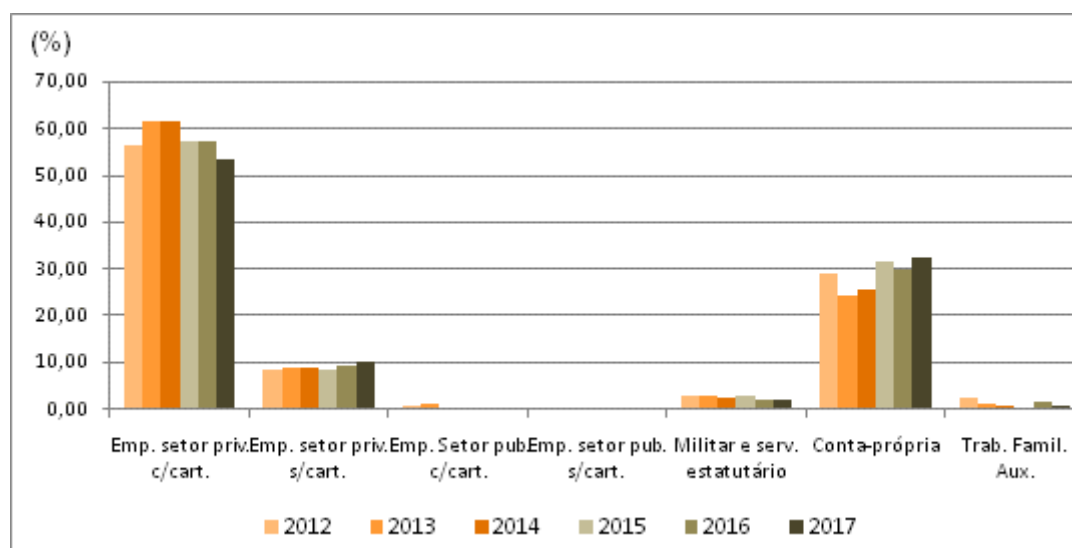
Gráfico 44– Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por horas trabalhadas - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à posição na ocupação, o Grupo dos Trabalhadores do Terciário Especializado em 2017, concentra os Empregados do Setor Privado com Carteira de trabalho assinada (53,3%), situação que modifica um pouco em relação à 2012 cuja participação era de 56,4%, ou seja, há diminuição na parcela de ocupados nessa condição e aumento da parcela dos sem Carteira assinada e dos Conta Própria. (Gráfico 45)

Gráfico 45– Trabalhadores do terciário especializado segundo posição na ocupação - RMC, 2012/2017.

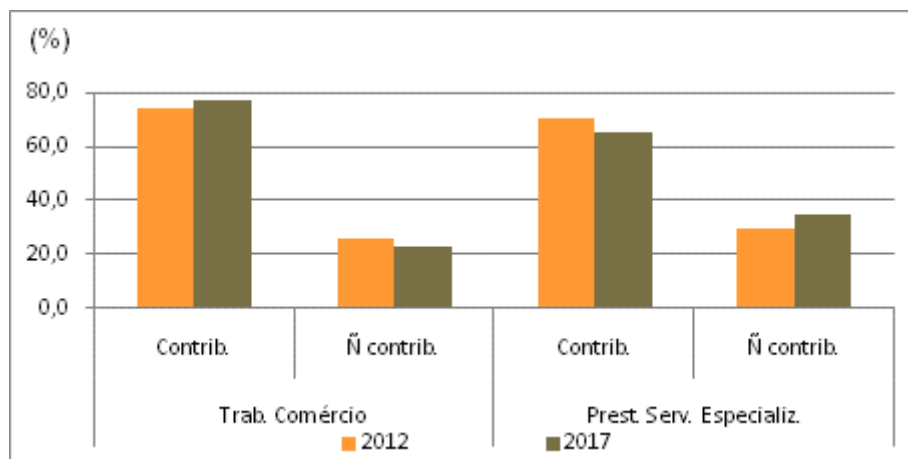


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à proteção social, a maior parcela de ocupados em ambas as categorias é de contribuintes, 77,1% entre os Trabalhadores do Comércio e 65,6% entre os Prestadores de Serviços. Nota-se que entre os primeiros há um aumento na participação

de contribuintes, enquanto que para os últimos há perda de proteção, com diminuição da parcela de contribuintes. (Gráfico 46).

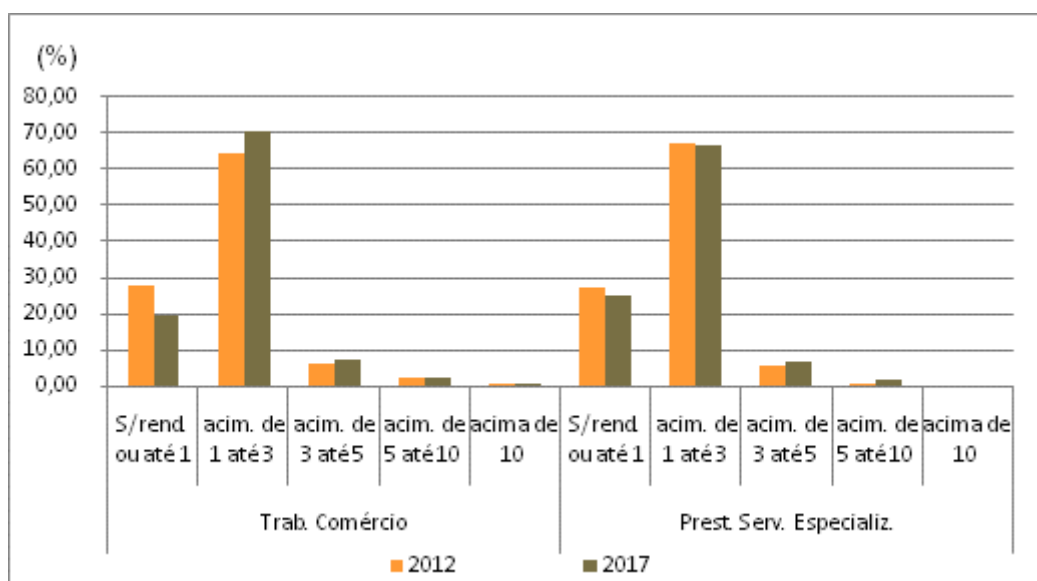
Gráfico 46– Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por proteção social - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A maior parcela dos ocupados no Grupo dos Trabalhadores do Terciário Especializado possuem rendimento na faixa 1 mil até 3 mil. Assim também é o rendimento dos ocupados nas duas categorias do grupo. Somando os ocupados com rendimento inferior, ou seja, os sem rendimento ou de até 1 mil, a parcela de ocupados ultrapassa 90%, isso significa que essas são ocupações de baixo rendimento. Na evolução no período verifica-se um pequeno movimento de melhoria de rendimento, aumentando um pouco a proporção dos que recebem acima de 5 mil, com redução na parcela dos sem rendimentos ou de até 1 mil. (Gráfico 47)

Gráfico 47 – Trabalhadores do terciário especializado segundo categorias por rendimento - RMC, 2012/2017.

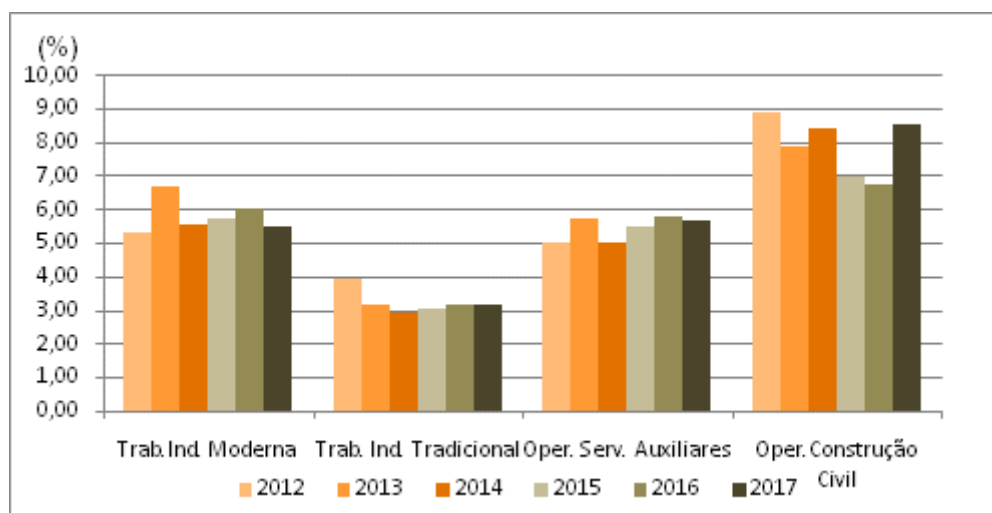


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.6. Trabalhadores do Secundário

O Grupo dos Trabalhadores do Secundário é formado pelas categorias sócio-ocupacionais Trabalhadores da Indústria Moderna, Trabalhadores da Indústria Tradicional, Operários dos Serviços Auxiliares e Operários da Construção Civil. É o Grupo, que junto com as Ocupações Médias tem maior representatividade na estrutura social da RMC, cuja participação se manteve praticamente a mesma no período de 2012 a 2017, passando de 23,3% para 22,9%. Os trabalhadores da indústria moderna sofreram incremento de participação na estrutura social da RMC até 2016, no último ano sofreu pequena redução, mas ainda assim apresentou pequeno ganho no período passando de 5,3% para 5,5%. A participação dos Trabalhadores da Indústria Tradicional apresentou redução de 3,9% para 3,2%. Os Operários dos Serviços Auxiliares tiveram incremento de participação na estrutura social passando de 5,0% para 5,7% e, os Operários da Construção Civil apresentaram pequena queda no período de 8,9% para 8,6%, mas se observa queda maior em 2016 onde registrou 6,9% de participação. (Gráfico 48)

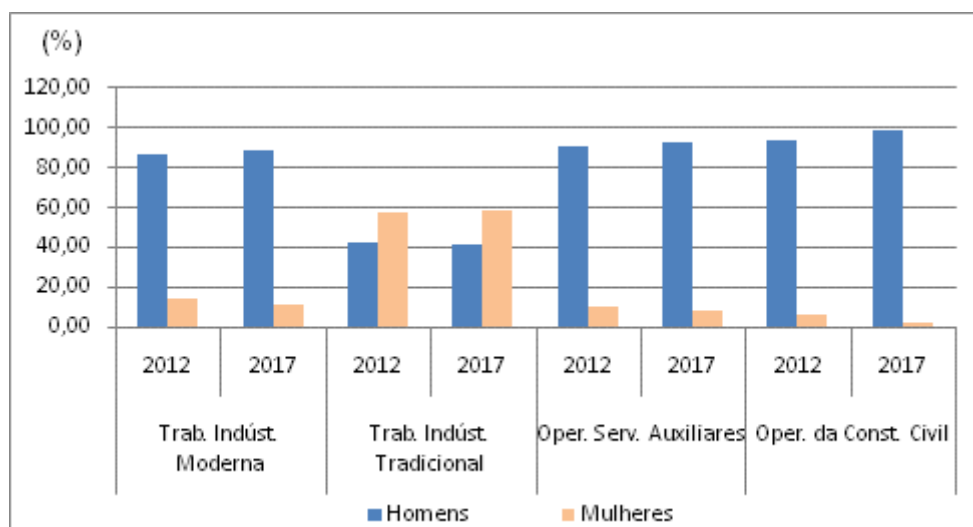
Gráfico 48 – Participação percentual dos trabalhadores do secundário na estrutura sócio-ocupacional segundo categorias na RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Neste Grupo, a participação de homens é bastante elevada, acima de 80%, e apresenta aumento desse diferencial entre homens e mulheres ocupados durante todo o período, passando 82,5% a proporção de homens em 2012, para 86,6% em 2017. Observando as categorias, se verifica que a categoria dos Trabalhadores da Indústria Tradicional foge ao padrão apresentado pelo grupo, ou seja, apresenta maior proporção de mulheres e aumenta no período, passando de 57,9% em 2012 para 58,8% em 2017. As demais categorias apresentam elevada proporção de homens sendo que na categoria dos Operários da Construção Civil essa proporção chega a 98,5%. (Gráfico 49)

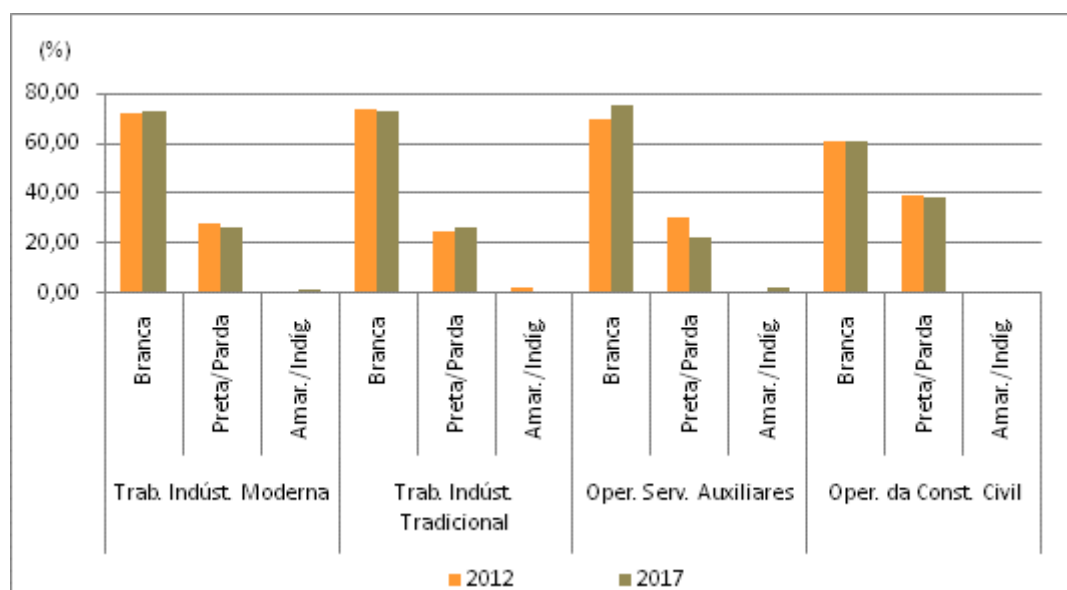
**Gráfico 49 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por sexo
RMC, 2012/2017.**



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A cor ou raça predominante neste grupo é a branca e, mesmo com diminuição, a presença de pretos e pardos é bastante significativa, uma das maiores na comparação com os demais grupos, 29,8% em 2017. À exceção dos Trabalhadores da Indústria Tradicional, nas demais categorias há aumento de participação da cor ou raça branca. Naquela categoria há diminuição de brancos e aumento de participação de pretos e pardos. No entanto, a maior parcela de trabalhadores pretos e pardos, tanto entre as categorias deste grupo como entre as demais categorias da estrutura social da RMC, é encontrada entre os Operários da Construção Civil, com 38,2% em 2017. (Gráfico 50)

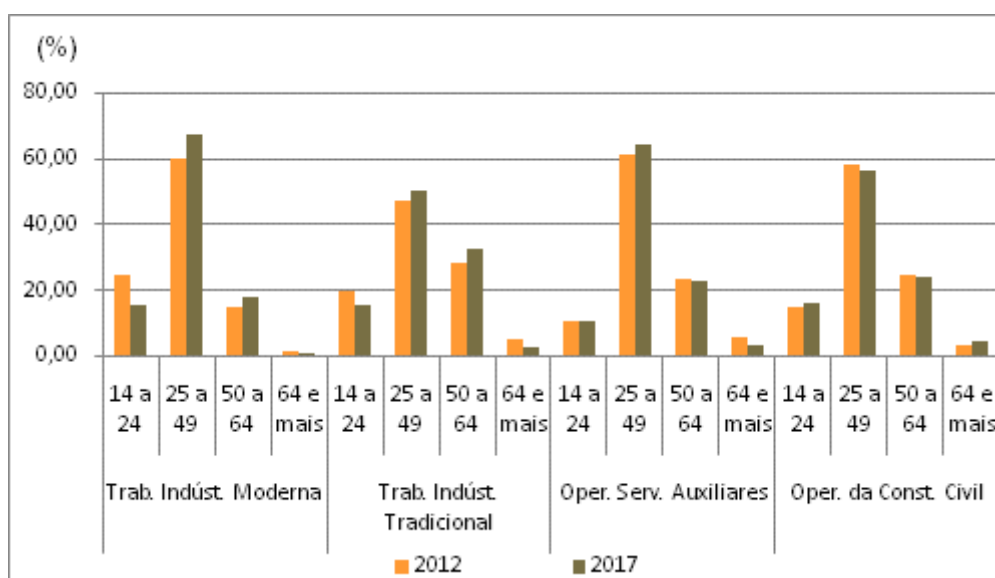
Gráfico 50 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por cor ou raça - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à idade dos ocupados no Grupo dos Trabalhadores do Secundário a exemplo dos outros grupos, se concentra nas idades mais jovens, na faixa dos 25 a 49 anos, com ganhos de participação no período à exceção dos Operários da Construção Civil que apresentam perda de participação nessas idades com ganhos nas faixas extremas, de 14 a 24 anos e na faixa de 64 anos e mais. É a única categoria deste grupo com ganhos nas idades mais avançadas que passou de 2,9% em 2012 para 4,0% em 2017. (Gráfico 51)

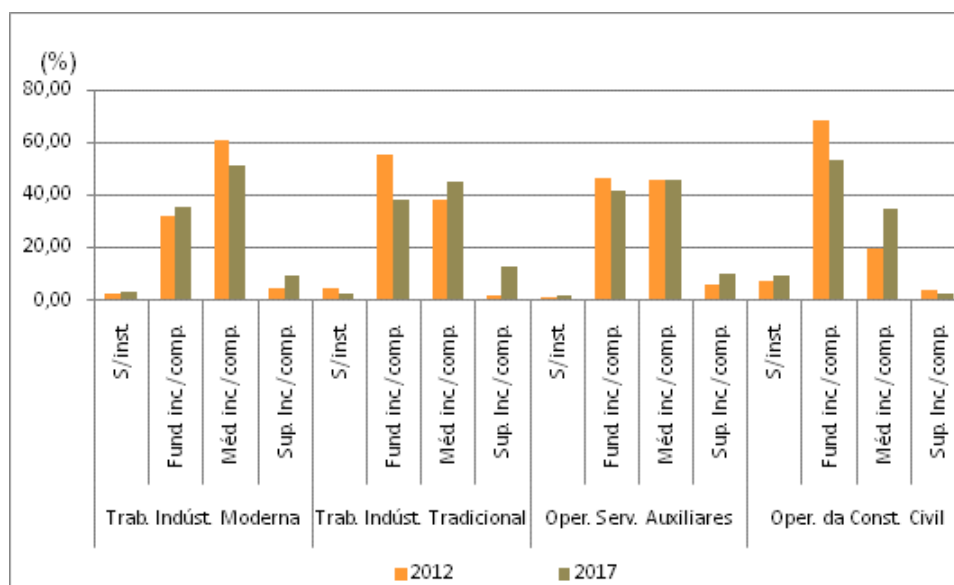
Gráfico 51 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por grupos etários - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Para este grupo se observa uma melhoria na escolaridade de seus ocupados. Há diminuição da proporção de ocupados com curso fundamental completo e incompleto (de 53,2% para 43,9%) e aumento daqueles com ensino médio (de 37,9% para 43,04%) e superior (de 4,3% para 7,7%). Nas categorias deste grupo há predomínio da escolaridade média, mas ainda é elevada a participação de ocupados com ensino fundamental. Na Indústria Moderna há aumento da proporção de ocupados com o ensino fundamental, passando de 32,0% para 35,3% entre 2012 e 2017 e, uma diminuição de ocupados com ensino médio, de 60,9% para 51,5%. Entre os Trabalhadores da Indústria Tradicional há redução significativa dos que possuem somente ensino fundamental (de 55,3% para 38,4%) com aumento também significativo em faixas de ensino médio (de 38,0% para 45,4%) e superior (de 2,0% para 13,3%). Para os Operários de Serviços Auxiliares houve diminuição da proporção daqueles com ensino fundamental (de 46,8% para 41,4%) e um aumento dos que possuem curso superior (de 6,0% para 10,4%). Entre os Trabalhadores da Construção Civil ainda há predomínio de ocupados com somente o ensino fundamental (53,2%). (Gráfico 52)

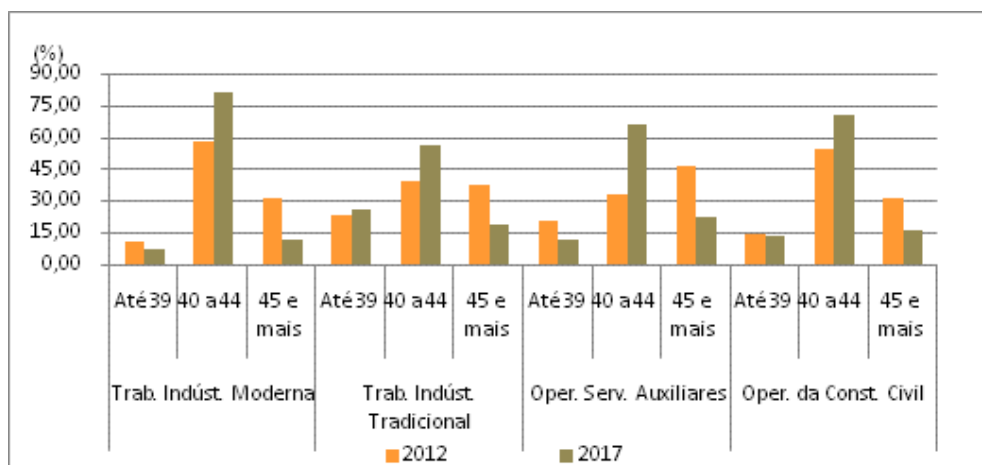
Gráfico 52 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por escolaridade - RMC, 2012/2017.



Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.
Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em 2012 esse grupo de categorias dividia sua jornada de trabalho em 40 e 44 horas (47,8%) e mais de 44 horas (35,8%). Em 2017 a participação de trabalhadores com jornada superior a 44 horas reduziu para 16,7% e aquela com jornada de 40 a 44 horas aumentou para 70,0%. Em todas as categorias a jornada média de trabalho se concentra entre 40 a 44 horas semanais, com aumento dessa participação em todas as categorias. Destaca-se que a participação dos Trabalhadores da Indústria Tradicional trabalhando menos de 40 horas é bastante elevada, ultrapassando um quarto dos ocupados e, também merece destaque que entre os Trabalhadores da Construção Civil está a maior participação de ocupados com jornada acima de 44 horas (15,7%), ressaltando que essa proporção era o dobro em 2012 (31,3%). (Gráfico 53)

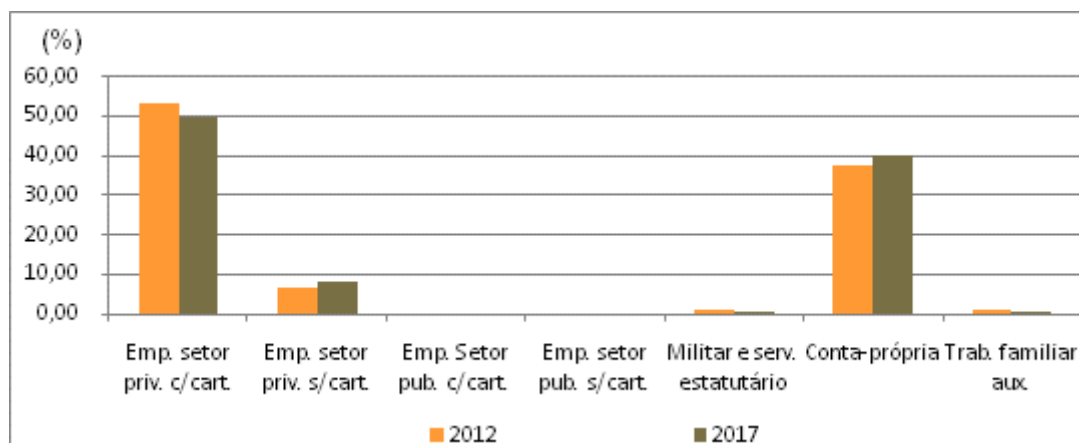
Gráfico 53 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por horas trabalhadas - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Mais de 90% dos Trabalhadores do Secundário são empregados do setor privado com carteira assinada (50,0%) e trabalhadores por conta própria (40,1%), ressaltando que a proporção destes últimos vem aumentando no período. Também se observa pequeno aumento dos trabalhadores sem carteira assinada (de 6,6% para 8,3%). (Gráfico 54)

Gráfico 54 – Trabalhadores do secundário segundo posição na ocupação - RMC, 2012/2017.

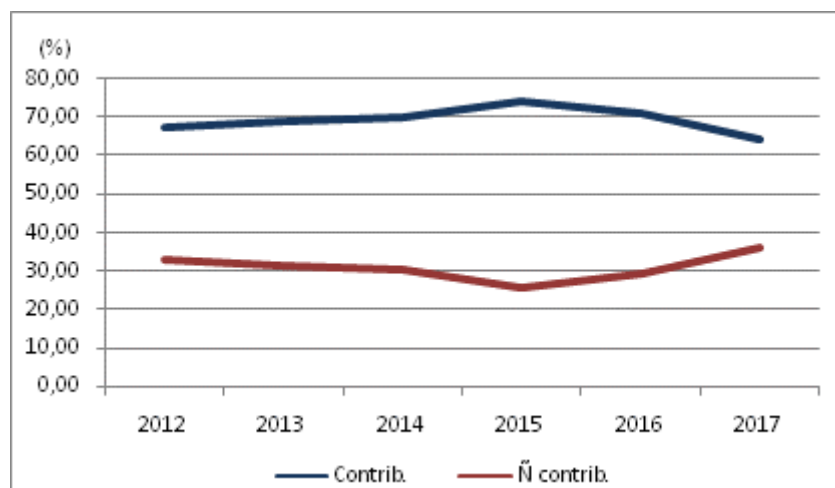


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Dentro deste Grupo, quando se particulariza as Categorias, o que mais chama atenção é a categoria dos Trabalhadores da Construção Civil, pelo elevado volume de ocupados por conta própria (67,3%) apresentando expressivo aumento da participação no período, já que em 2012 a participação era de 57,6%.

Também neste Grupo se observa perda de proteção social com aumento da proporção de não contribuintes para instituto de previdência passando de 32,8% em 2012 para 36,0% em 2017, ressaltando que em 2015 se observou a menor proporção de não contribuintes. (Gráfico 55)

Gráfico 55 – Trabalhadores do secundário segundo proteção social - RMC, 2012/2017.

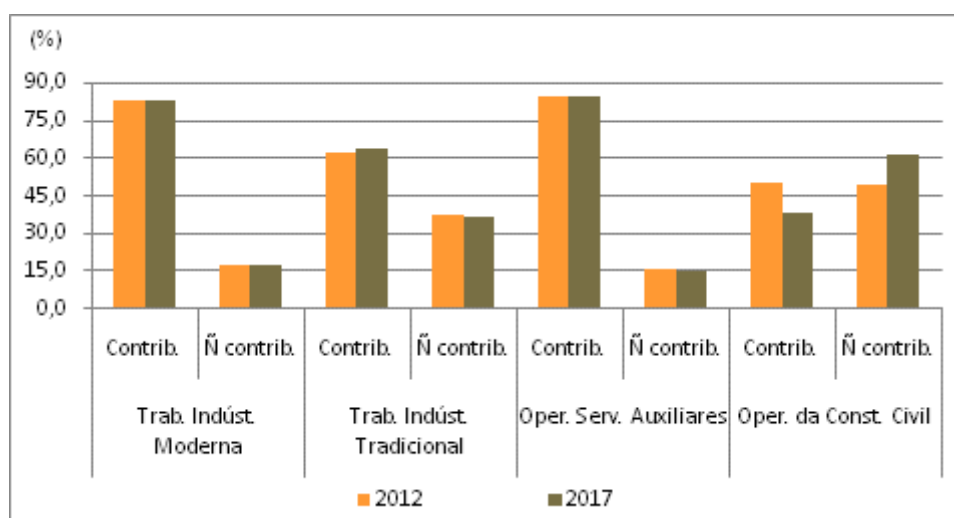


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Observa-se que os Trabalhadores da Construção Civil foram os que perderam proteção, pois foi a única categoria com aumento dos não contribuintes, refletindo na perda de proteção no

grupo como um todo. Nesta categoria a proporção de não contribuintes que era de 49,6% em 2012, passou para 61,6% em 2017. Também merece destaque a categoria de Trabalhadores na Indústria Tradicional cuja proporção de não contribuintes ultrapassa um terço dos ocupados. (Gráfico 56)

Gráfico 56 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por proteção social - RMC, 2012/2017.

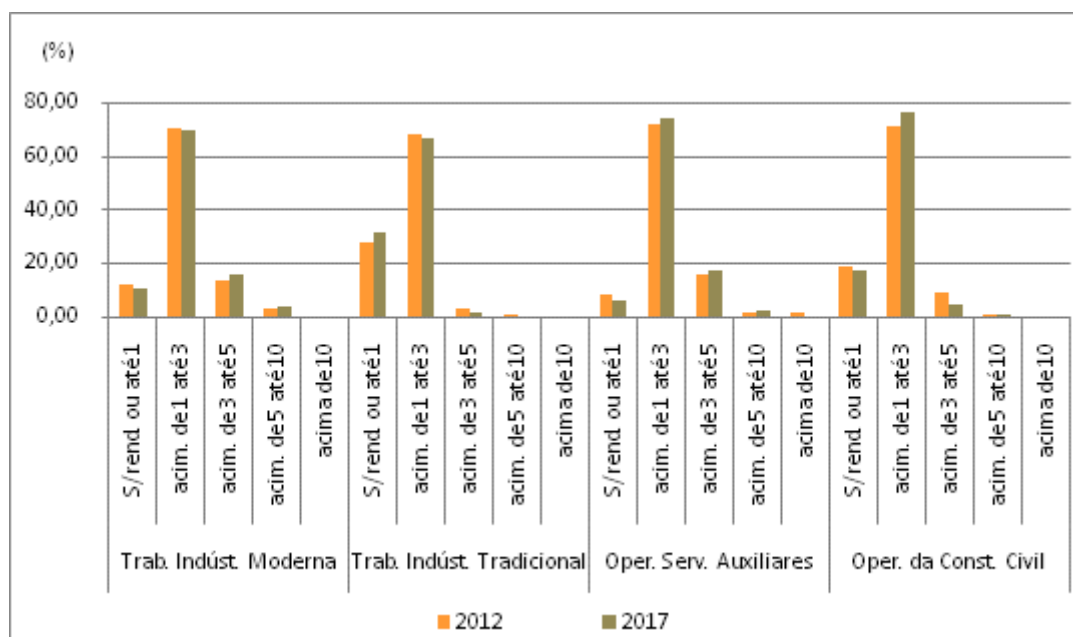


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao rendimento dos ocupados no Grupo dos Trabalhadores do Secundário, a grande maioria possui rendimento entre um mil e três mil, proporção esta que aumentou no período, passando de 70,6% em 2012 para 72,9% em 2017. Somando a estes, a proporção de trabalhadores com rendimento de até um mil, chega-se a 88% dos ocupados.

Na análise por categorias, para os Trabalhadores da Indústria Moderna se observa pequeno ganho de rendimento aumentando a proporção dos ocupados com rendimento entre 3 mil até 5 mil (de 13,8% para 15,9%) e entre 5 mil e 10 mil (de 2,9% para 3,6%), e diminui a proporção de trabalhadores nas duas primeiras classes de rendimento. Para os Trabalhadores da Indústria Tradicional há uma redução de rendimento com aumento da participação de ocupados sem rendimento ou com rendimento até um mil e diminuição de participação nas demais classes de rendimento. Entre os Operários de Serviços Auxiliares há aumento de participação dos trabalhadores nas classes de rendimento intermediária e perda de participação nas duas classes extremas, nas de menor e de maior rendimento. Na Construção Civil há aumento de participação dos que recebem entre 1 mil e 3 mil e diminuição dos sem rendimento ou de até um mil e na classe de 3 a 5 mil. (Gráfico 57)

Gráfico 57 – Trabalhadores do secundário segundo categorias por rendimento - RMC, 2012/2017.

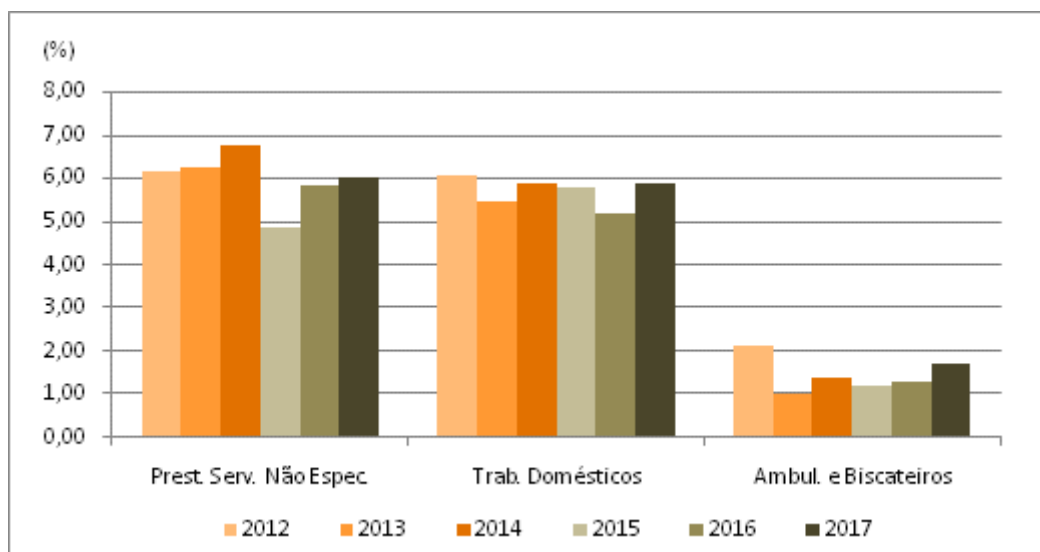


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.7. Trabalhadores do terciário não-especializado

Este grupo, formado pelas categorias Prestadores de Serviços não Especializados, Trabalhadores Domésticos e Ambulantes e Biscateiros, sofreu pequena alteração negativa no período, perdendo participação na estrutura social metropolitana, passando de 14,4% em 2012 para 13,6% em 2017. A categoria dos Prestadores de Serviço não Especializado vinha ganhando participação na estrutura social entre 2012 e 2014, quando sofre inflexão negativa significativa em 2015, passando de 6,2% para 4,9% e ganha participação novamente nos dois anos seguintes, mas chega em 2017 com participação menor que em 2012 (6,0%). Os trabalhadores domésticos também sofrem oscilação de crescimento e decréscimo de participação durante o período, mas chega em 2017 com participação ligeiramente inferior (5,9%) da observada em 2012 (6,1%). Os ambulantes e biscateiros também perdem participação no período passando de 2,1% em 2012 para 1,7% em 2017. No entanto, se observa que houve decréscimo significativo em 2013 e volta a crescer a partir daí. (Gráfico 58)

Gráfico 58 – Participação percentual dos trabalhadores do terciário não especializado na estrutura socio-ocupacional segundo categorias na RMC, 2012/2017.

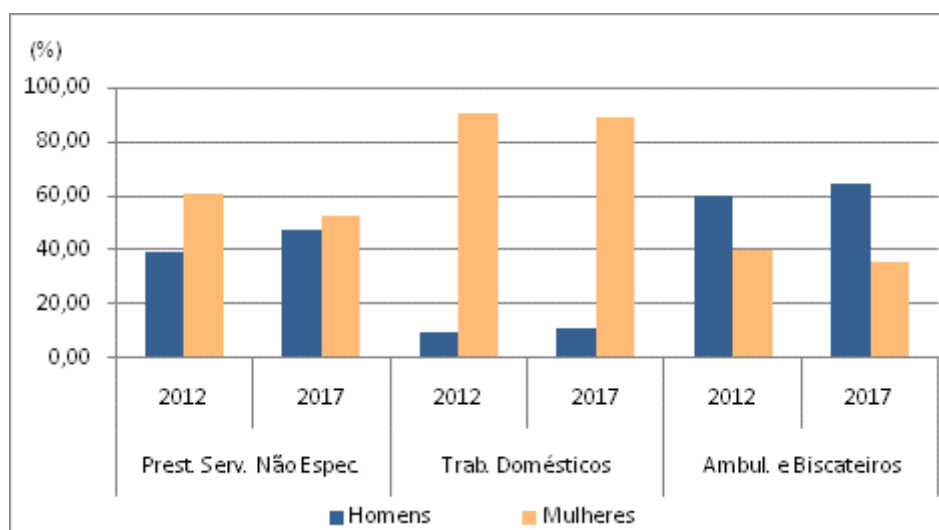


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Nas características sociais deste grupo, verifica-se a prevalência de mulheres entre os ocupados, mas perdendo participação para os trabalhadores do sexo masculino durante o período. Em 2012 as mulheres representavam 70,1% do grupo e em 2017 diminuiu para 66,2%.

Entre as categorias a maior prevalência de mulheres é entre os Trabalhadores Domésticos, 90,5% em 2012 e 88,9% em 2017. Entre os Ambulantes e Biscateiros há maior participação de homens, 60,2% em 2012 e 64,5% em 2017. Entre os Prestadores de Serviços não Especializados, em que pese ter maior participação de mulheres, há uma convergência de sexos no período. (Gráfico 59)

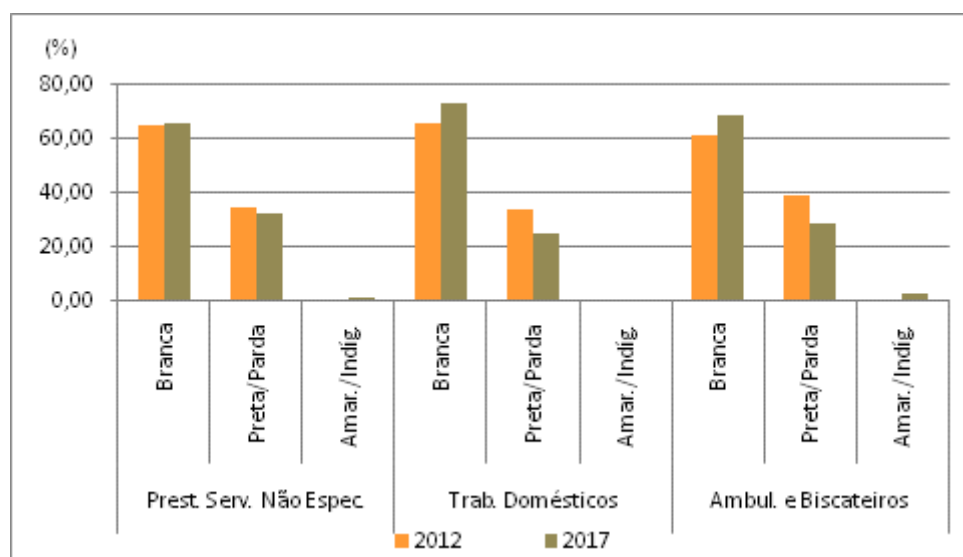
Gráfico 59 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por sexo - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A predominância de cor ou raça neste grupo é a branca, apresentando aumento da prevalência no período, passando de 64,8% em 2012 para 69,6% em 2017, dessa forma, verifica-se uma redução da participação de pretos e pardos de 35,0% para 28,9%. Em todas as categorias é verificado o mesmo padrão do grupo como um todo, ou seja, há prevalência de brancos com aumento da participação no período, e diminuição da participação de pretos e pardos. Entre os Ambulante e Biscateiros chama atenção a participação da cor/raça amarela e indígena cuja presença era inexistente em 2012 e passa a representar 2,8% dos ocupados. (Gráfico 60)

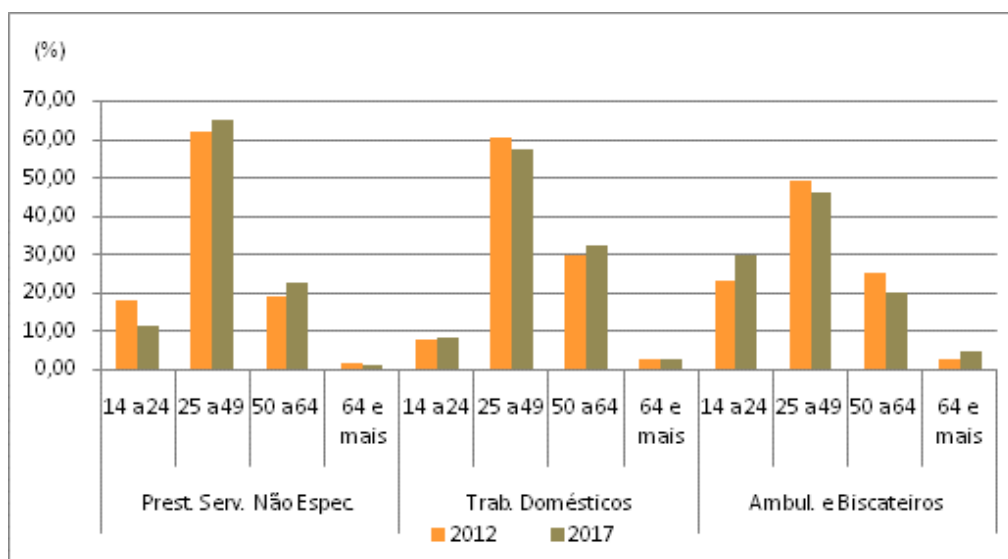
Gráfico 60 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por cor ou raça - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à idade dos ocupados no Grupo dos Trabalhadores do Terciário não Especializado a exemplo dos outros grupos, se concentra nas idades mais jovens, na faixa dos 25 a 49 anos, no entanto essa participação permanece ao longo do período. Há perda de participação dos mais jovens de 14 a 24 anos que passa de 14,2% em 2012 para 12,4% em 2017, ao mesmo tempo em que aumenta a proporção de ocupados com idade entre 50 e 64 anos de 24,4% para 26,4%. Em todas as categorias, a idade média dos ocupados se concentra entre 25 e 49 anos, entretanto entre os ambulantes e biscateiros há proporção importante de jovens entre 14 a 24 anos, com aumento no período, passando de 23,1% em 2012 para 29,6% em 2017. Entre os Trabalhadores Domésticos cresce a participação dos mais jovens de 7,4% para 8,3% e na faixa dos 50 a 64 anos que passa de 29,9% para 32,1% e, na faixa superior cresce um pouco menos de 2,3% para 2,6%. Entre os Prestadores de Serviços diminui a participação dos mais jovens e dos mais idosos e aumenta a participação nas faixas intermediárias. (Gráfico 61)

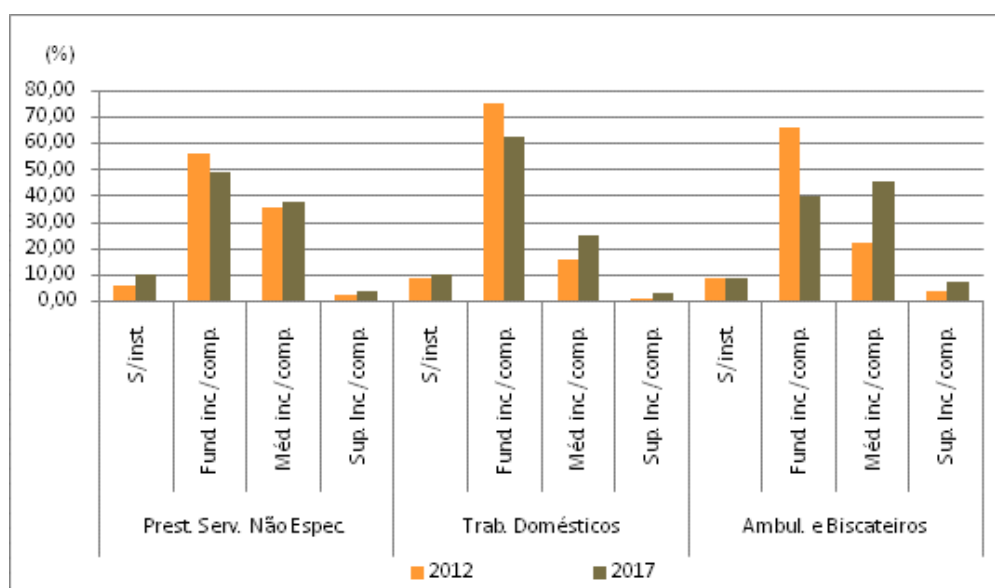
Gráfico 61 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por grupos etários - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A maior parcela dos ocupados deste grupo possui pouca escolaridade, ou seja, em 2017 64,0% deles, ou não possuíam instrução ou possuíam somente o ensino fundamental. Essa proporção foi maior em 2012 (72,8%). Em todas as categorias deste grupo há predomínio da escolaridade mais baixa, somente o ensino fundamental, em especial entre os Trabalhadores Domésticos cuja parcela de ocupados nessa condição era de 75,2% em 2012 e de 62,2% em 2017. Nas outras duas categorias, mesmo com prevalência do ensino fundamental, há parcela importante com ensino médio. (Gráfico 62)

Gráfico 62 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por escolaridade - RMC, 2012/2017.

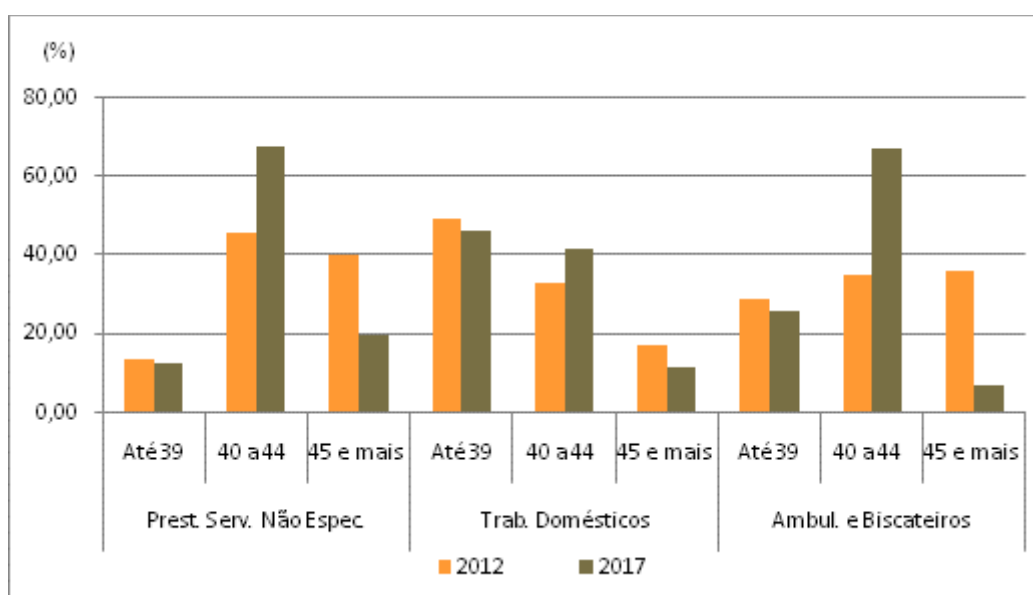


Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à jornada de trabalho, os ocupados deste grupo em 2012 se encontravam divididos com 31,1% trabalhando até 39 horas, 38,9% entre 40 e 44 horas e 30,0% mais de 44 horas. Para 2017 verifica-se uma maior concentração de ocupados trabalhando entre 40 e 44 horas (56,4%), sendo que a maior redução se deu entre aqueles que trabalhavam mais de 44 horas, passando de 30,0% para 14,6%. Em todas as categorias é nítida a redução da jornada de trabalho, sendo a maior queda verificada entre os Ambulantes e Biscateiros cuja parcela com jornada superior à 44 horas passou de 36,2%, em 2012, para 7,0% em 2017, aumentando significativamente a parcela dos que trabalhavam entre 40 e 44 horas, de 35,0% para 67,0%. Entre os Trabalhadores Domésticos a maior parcela tem jornada inferior a 40 horas semanais. (Gráfico 63)

Gráfico 63 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por horas trabalhadas - RMC, 2012/2017.

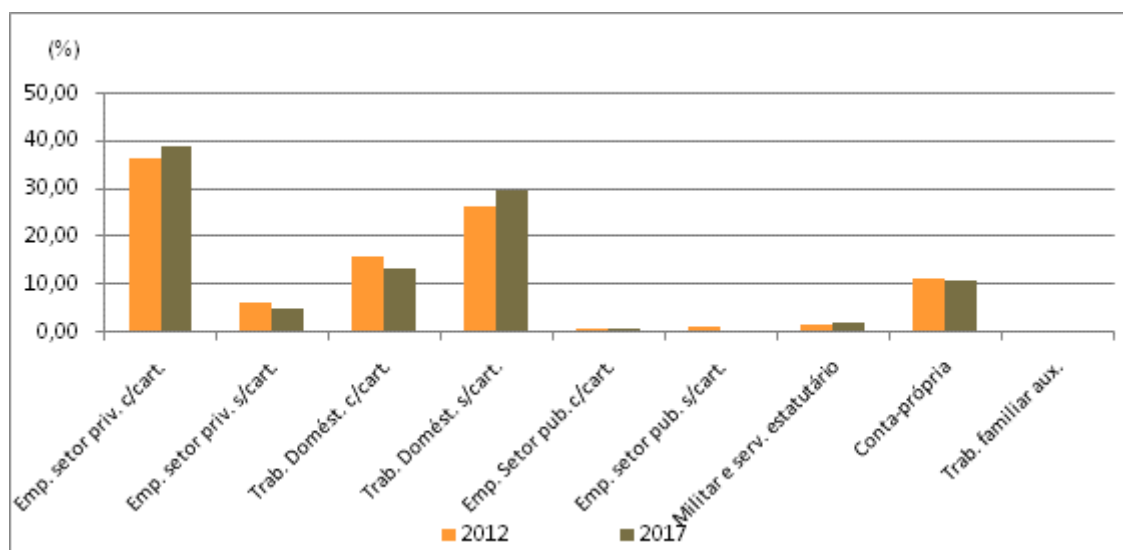


Nota: Em todos os níveis foram somados os ocupados com curso completo e incompleto.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Neste grupo aumentou a participação dos empregados do setor privado com carteira de trabalho assinada entre 2012 e 2017 de 36,3% para 38,7%. Também aumenta a participação dos trabalhadores domésticos sem carteira assinada de 26,3% para 29,8%. Há diminuição das participações dos trabalhadores por conta própria de 11,4% para 10,6%. (Gráfico 64)

Gráfico 64 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo posição na ocupação - RMC, 2012/2017.

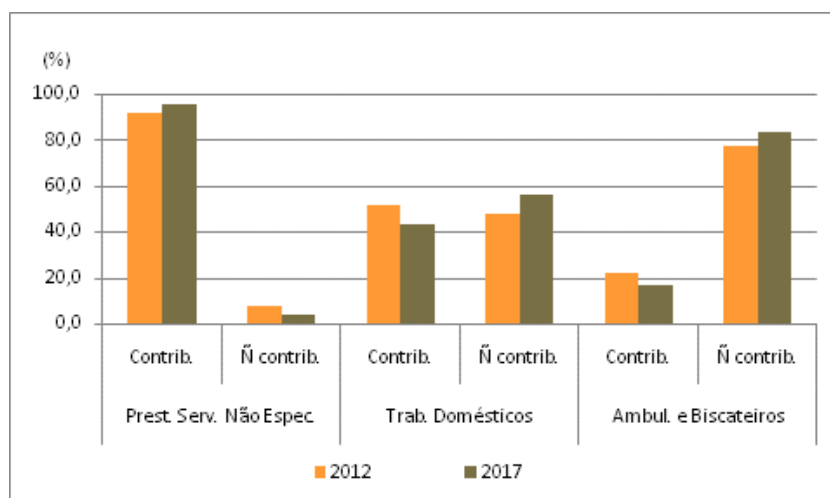


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Dentro deste Grupo, quando se olha as Categorias, ainda quase um terço dos Trabalhadores Domésticos trabalham sem carteira assinada, mesmo apresentando redução no período, de 37,7%, em 2012, para em 31,0% em 2017. Entre os Prestadores de Serviços 87,0% eram empregados do setor privado com carteira assinada, proporção que aumentou em relação a 2012 que era de 84,5%. Na categoria dos Ambulantes e Biscateiros a maioria trabalha por conta própria (75%) e outros 23% trabalham no setor privado sem carteira assinada.

Quanto à proteção social verifica-se que a categoria dos Ambulantes e Biscateiros tem a maior parcela de seus ocupados sem proteção social, ou seja, 83,5% não contribuíam para a previdência em 2017, parcela que aumentou em relação a 2012 (77,6%). Em contraposição, os Prestadores de Serviços em sua maioria estão protegidos, em 2012 eram 92,0% que contribuíam para a previdência e em 2017 subiu para 96,0%. Já os Trabalhadores Domésticos se dividem entre os que contribuem e os que não contribuem, no entanto há um aumento desses últimos de 48,0% para 56,4%. (Gráfico 65)

Gráfico 65 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por proteção social - RMC, 2012/2017.

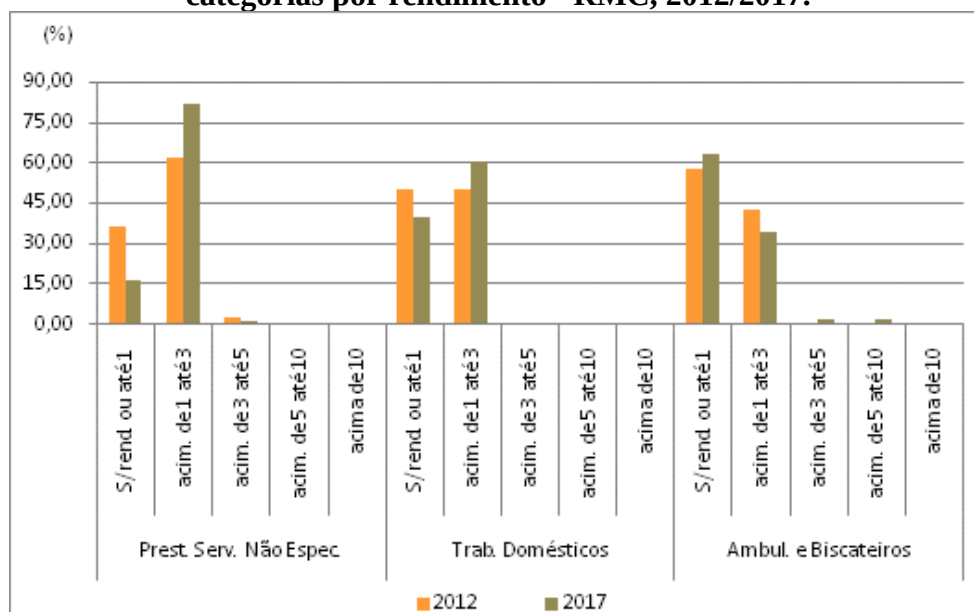


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao rendimento dos ocupados no Grupo dos Trabalhadores do Terciário não Especializado, dois terços possui rendimento entre 1 mil e 3 mil, proporção esta que aumentou no período, passando de 53,9% em 2012 para 66,3% em 2017. Se somados à proporção de trabalhadores com rendimento de até 1 mil, se tem quase a totalidade dos ocupados (98,5%).

Em todas as categorias deste Grupo, os rendimentos se concentram nas duas primeiras faixas. Entre os Prestadores de Serviços e os Trabalhadores Domésticos há diminuição da participação na faixa dos sem rendimento e de até um mil e, aumento na faixa de 1 mil a 3 mil. Ao contrário dos biscateiros cuja participação que já era a maior dos sem rendimentos ou até um mil, subiu ainda mais, passando de 57,6% em 2012 para 62,9% em 2017. (Gráfico 66)

Gráfico 66 – Trabalhadores do terciário não especializado segundo categorias por rendimento - RMC, 2012/2017.

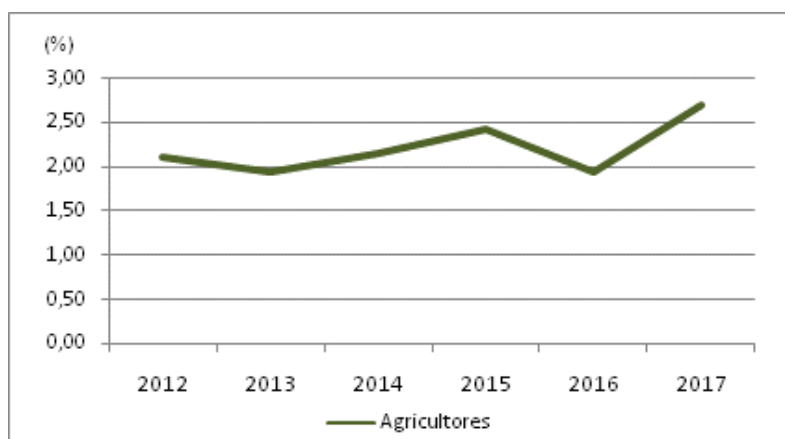


Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

4.8. Trabalhadores Agrícolas

Fechando a parte inferior da estrutura social, verifica-se que o Grupo dos Trabalhadores Agrícolas, os Agricultores, ganhou participação no período, passando de 2,1% em 2012 para 2,7% em 2017. (Gráfico 67)

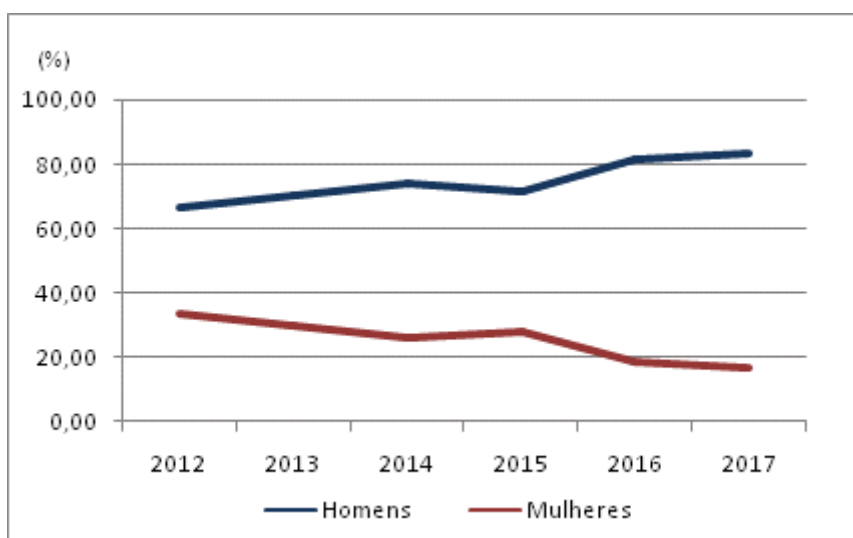
Gráfico 67 – Participação percentual dos trabalhadores agrícolas na estrutura social da RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto às características sociais dos Trabalhadores Agrícolas, verifica-se que há predominância de homens e o gradiente entre os sexos vem aumentando. A participação de homens na categoria que era de 66,6% em 2012 passa para 83,2% em 2017. (Gráfico 68)

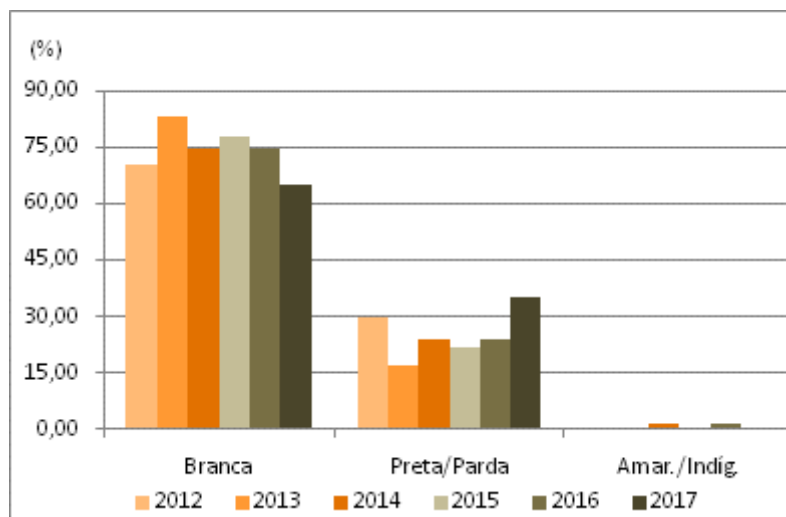
Gráfico 68 – Trabalhadores agrícolas por sexo - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Em relação à cor ou raça entre os Agricultores, há prevalência de brancos, mas com redução ao longo do período, passando de 70,4% para 64,9%. Nota-se que houve aumento de pretos e pardos de 29,6% para 35,1%. (Gráfico 69)

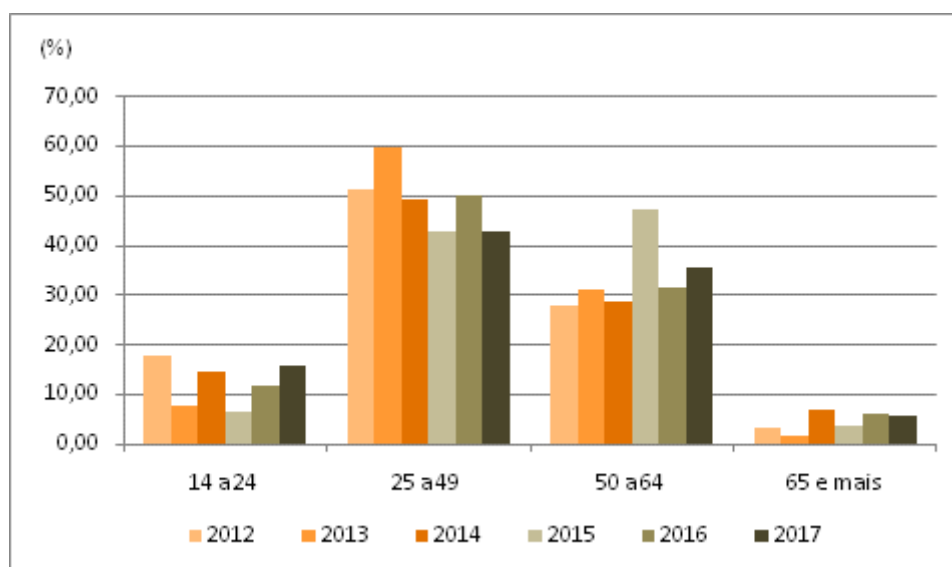
Gráfico 69 – Trabalhadores agrícolas por cor ou raça- RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à estrutura etária verifica-se que a idade média dos Agricultores se concentra na faixa de 25 a 49 anos, mas há redução de participação nessa faixa de 51,5% em 2012 para 42,8% em 2017. Por outro lado, verifica-se aumento de participação em idades mais avançadas passando de 27,7% para 35,7% na faixa de 50 a 64 anos e de 3,0% para 5,5% na faixa de 64 anos e mais. (Gráfico 70)

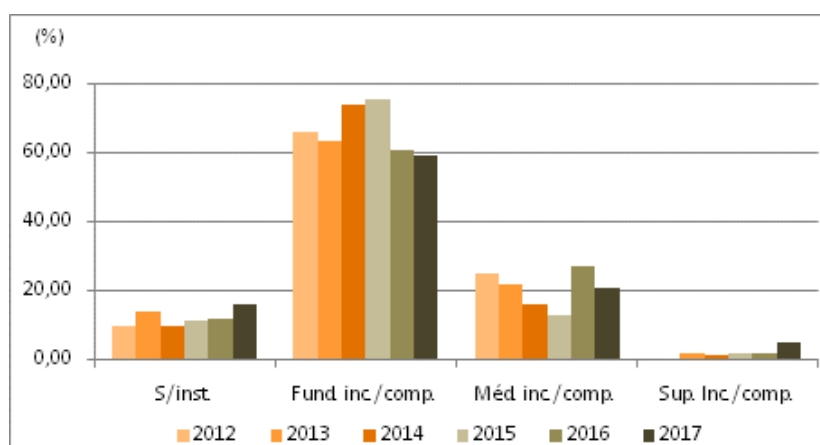
Gráfico 70 – Trabalhadores agrícolas por grupos etários- RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à escolaridade, a maior parcela dos Agricultores possui somente o ensino fundamental, mas vem diminuindo no período, passando de 65,9% em 2012 para 59,0% em 2017. Também diminui a parcela dos que possuem ensino médio, de 24,7% para 20,4%. Chama atenção que além do aumento da participação dos agricultores sem instrução de 9,3% para 15,6%, verifica-se a presença daqueles com nível superior, que não havia registro em 2012 e passou a contar com 5,0% dos trabalhadores agrícolas em 2017. (Gráfico 71)

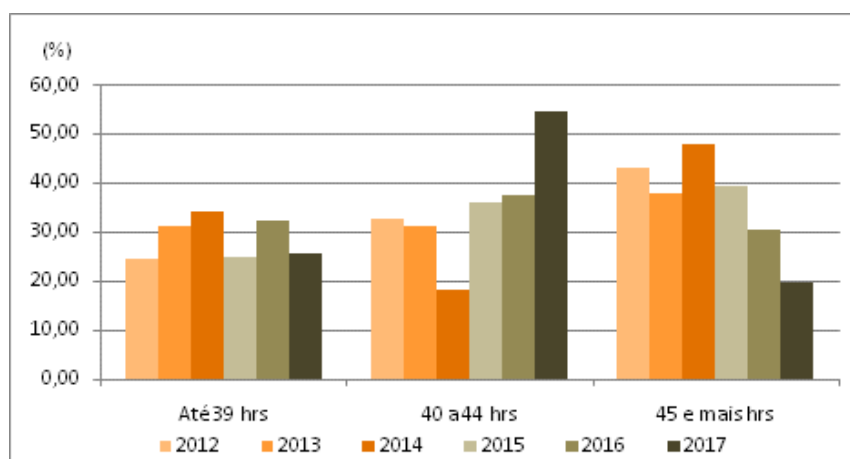
Gráfico 71 – Trabalhadores agrícolas segundo a escolaridade - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à jornada de trabalho, a maior parcela dos Agricultores possuía, em 2012, jornada de trabalho semanal de mais de 44 horas (42,9%), contra 32,6% com jornada de 40 a 44 horas e de 24,4% trabalhando até 39 horas. Para 2017 houve alteração significativa na jornada de trabalho, passando para 54,5% a parcela dos agricultores trabalhando entre 40 e 44 horas e, diminuindo significativamente os trabalhadores agrícolas com elevada jornada de trabalho, acima de 44 horas, passando para apenas 19,8%. (Gráfico 72)

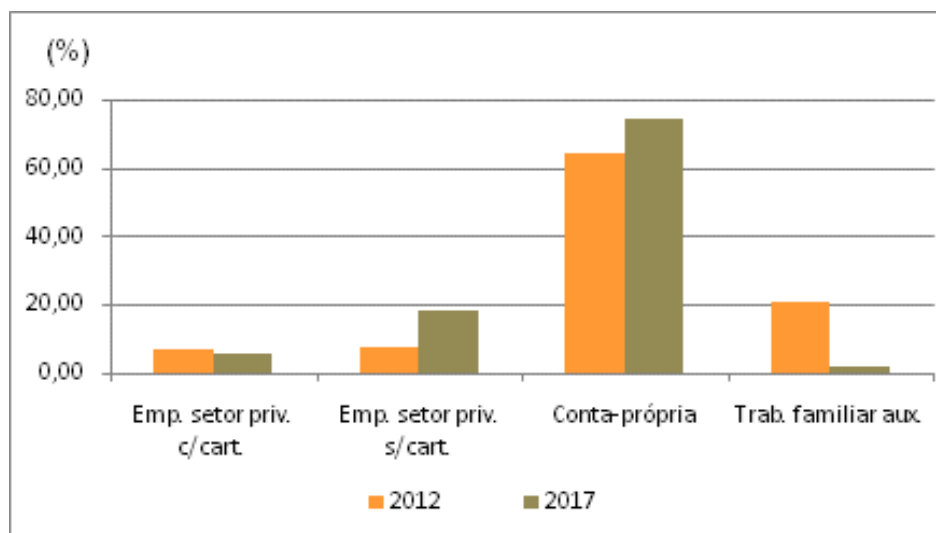
Gráfico 72 – Trabalhadores agrícolas segundo horas semanais trabalhadas - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

A posição na ocupação aponta que a grande maioria dos Agricultores trabalha por conta própria aumentando essa condição no período, passando de 64,3% em 2012 para 74,1% em 2017. Há redução significativa de trabalhadores familiar auxiliar, de 21,0% para 2,0% e, também um elevado aumento de empregados do setor privado sem carteira de trabalho assinada, de 7,9% para 18,0%. (Gráfico 73)

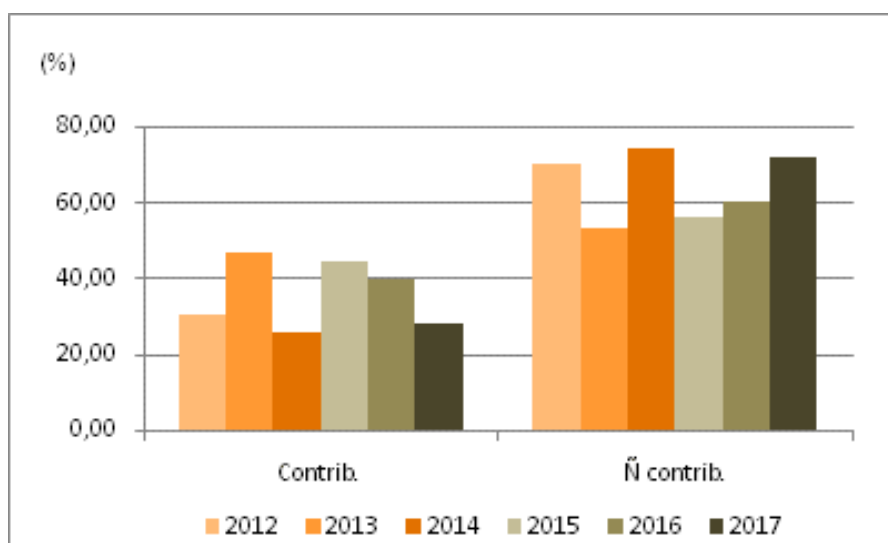
Gráfico 73 – Trabalhadores agrícolas segundo posição na ocupação - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto à Proteção Social verifica-se que a maioria dos Trabalhadores Agrícolas não contribui para a previdência e, mesmo com oscilações essa situação permanece praticamente a mesma com pequena elevação entre 2012 e 2017, passando de 72,8% para 72,0%. (Gráfico 74)

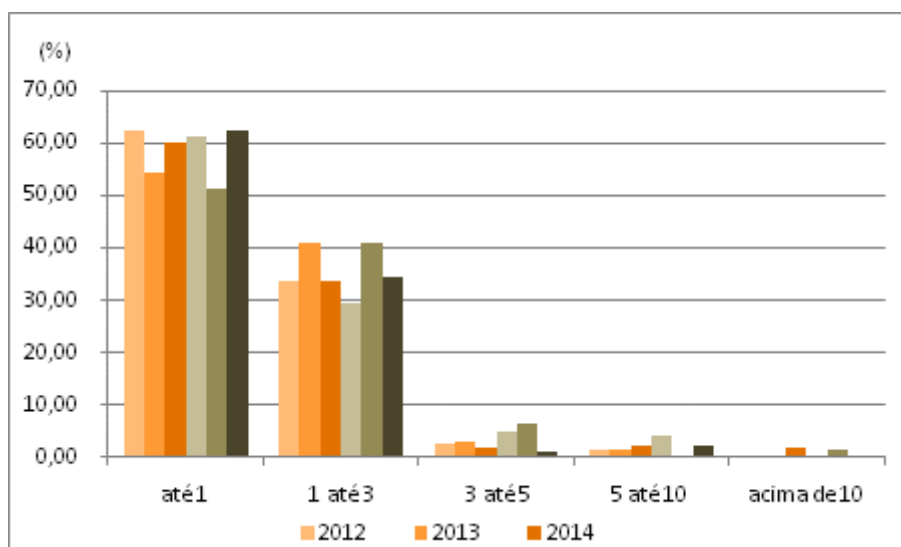
Gráfico 74 – Trabalhadores agrícolas segundo proteção social - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

Quanto ao rendimento dos Agricultores, os dados apontam concentração nas faixas inferiores de rendimento, em 2017 quase dois terços (62,2%) estava na faixa de sem rendimento ou recebendo até um mil e, 34,3% entre 1 mil e 3 mil, situação praticamente inalterada no período. Nas demais faixas a presença é insignificante. (Gráfico 75)

Gráfico 75 – Trabalhadores agrícolas segundo rendimento - RMC, 2012/2017.



Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2012 a 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período recente (2012-2017) da economia brasileira foi marcado por forte inflexão no nível de atividade econômica, com queda na produção após 2014 e crescente deterioração do mercado de trabalho. Os efeitos desta crise na RMC levaram ao aumento acentuado do desemprego, o qual, em 2017, passou a atingir 10,8% da PEA, com efetiva redução no estoque de pessoas ocupadas, fatores que afetaram a composição ocupacional na região, já que os diversos setores da atividade tiveram impacto diferenciado da crise.

O maior impacto foi no setor privado responsável pela maior parcela da redução dos ocupados na RMC e apontou aumento considerável de trabalhadores por conta própria. A indústria e o comércio foram os setores mais atingidos, mas algumas atividades do setor de serviços à eles ligadas também sofreram impacto negativo. Desta forma, estes setores e atividades perderam participação na estrutura ocupacional da RMC, enquanto outros despontam com participação crescente à exemplo de alguns serviços de natureza social, relacionados às atividades de educação e saúde.

Essas modificações na estrutura ocupacional ocasionaram mudanças na estrutura social da RMC, com o fortalecimento das camadas superiores, cujas ocupações

apresentaram aumento de participação ao mesmo tempo em que as camadas médias sofreram redução. Já as camadas inferiores, em que pese as oscilações observadas no período, não tiveram impacto significativo do seu peso na estrutura social.

Algumas características dos ocupados também sofreram impactos neste período de crise. Observou-se perda de participação das mulheres no mercado de trabalho da RMC, que passou de 46,6% para 43%. Em quatro setores se observava prevalência feminina entre seus ocupados: Profissionais de nível superior, Trabalhadores do terciário especializado, Trabalhadores do terciário não especializado e Ocupações médias. Nos três primeiros, mesmo perdendo participação as mulheres são maioria, já para o último, a maioria passa a ser do sexo masculino. Infere-se que em tempos de desemprego as mulheres têm preferência nas demissões, já que a perda de participação feminina veio acompanhada de uma queda efetiva no volume de ocupadas.

Em relação à cor, não houve mudanças na intensidade das participações, ou seja, os brancos são a grande maioria, seguido dos pardos, negros, amarelos e indígenas. No entanto, os ocupados negros foram os únicos que perderam participação, passando de 3,9% para 2,7%. Essa perda de participação representa, em termos de volume, quase um terço dos ocupados de cor negra. Entre os brancos e pardos também se observou perda de volume, mas em menor quantidade que os negros. Entre os amarelos e indígenas houve aumento de volume de ocupados. Chama a atenção que entre os Grandes Empregadores e os Trabalhadores agrícolas era praticamente inexistente ocupados de cor negra, os quais passaram a compor seu quadro ao final do período e, juntamente com as ocupações médias, foram os setores que apresentaram crescimento na participação de negros.

Em termos de estrutura etária há manutenção da mesma, mas de modo geral há queda na participação de menores de 18 anos no mercado de trabalho e aumento de participação dos idosos acima de 64 anos, que continuam tendo as menores participações. Quanto à escolaridade houve melhoria entre os ocupados, destacando-se em todos os setores o aumento da participação de pessoas com nível superior, completo ou incompleto. No sentido oposto também se observa redução dos ocupados com somente o nível fundamental. Também em relação ao número de horas trabalhadas houve redução na participação daqueles que trabalham acima de 44 horas exceto em dois dos Grupos superiores: Grandes empregadores e Profissionais de nível superior.

Observa-se no período, perda de participação dos ocupados com carteira assinada em todos os grupos ocupacionais exceto entre os Trabalhadores do terciário não-especializado, por outro lado, houve aumento de participação de trabalhadores por conta própria em especial entre os Agricultores os Profissionais de nível superior, estes últimos em maior volume.

Em todos os Grupos ocupacionais houve perda de proteção social com aumento de participação de trabalhadores que não contribuem para instituto de previdência. A pior situação está entre os Profissionais de nível superior cuja participação de não contribuintes passou de 12,3% para 21,8%.

Apesar de algumas alterações na estrutura ocupacional da região derivarem do impacto da atual crise econômica, como a redução de posições ocupacionais ligadas ao comércio e a construção civil, há mudanças que parecem relacionar-se a transformações

na estrutura produtiva e na composição ocupacional, como são os casos da perda de participação das atividades industriais e das ocupações intermediárias, afetadas por novas tecnologias, no conjunto das ocupações na RMC. Na realidade, apenas uma perspectiva temporal maior permitirá verificar a consolidação dessas mudanças recentes. Um aspecto que merecerá maior atenção também, a par do crescimento da participação das posições sociais de nível superior, é o crescente peso de profissionais autônomos e do assalariamento pelo setor privado deste tipo de profissionais.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Microdados trimestrais*. Rio de Janeiro, 2012-2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>>.